



Universidade de Brasília – UnB
Instituto de Letras - IL
Departamento Linguística, Português e Línguas Clássicas - LIP
Programa de Pós-Graduação em Linguística – PPGL

VOZ PASSIVA EM LIBRAS? OU OUTRAS ESTRATÉGIAS DE TOPICALIZAÇÃO?

JOÃO PAULO VITÓRIO MIRANDA

Brasília - DF

2014

JOÃO PAULO VITÓRIO MIRANDA

VOZ PASSIVA EM LIBRAS? OU OUTRAS ESTRATÉGIAS DE TOPICALIZAÇÃO?

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas - LIP como requisito parcial à obtenção do Grau de Mestre em Linguística, pela Universidade de Brasília - UNB.

Orientador: Professor Doutor Dionei Moreira Gomes

Brasília - DF

2014



Universidade de Brasília – UnB
Instituto de Letras - IL
Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas - LIP
Programa de Pós-Graduação em Linguística – PPGL

DISSERTAÇÃO DO MESTRADO

VOZ PASSIVA EM LIBRAS? OU OUTRAS ESTRATÉGIAS DE TOPICALIZAÇÃO?

Orientador: Dionei Gomes Moreira

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Dionei Moreira Gomes Prof.

Dr. Marcos Araújo Bagno

Profa. Dra. Orlene Lúcia de Sabóia Carvalho

Profa. Dra. Daniele Marcelle Grannier

JOÃO PAULO VITÓRIO MIRANDA

VOZ PASSIVA EM LIBRAS? OU OUTRAS ESTRATÉGIAS DE TOPICALIZAÇÃO?

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas - LIP como requisito parcial à obtenção do Grau de Mestre em Linguística, pela Universidade de Brasília - UNB.

Aprovado em julho 2014

Comissão examinadora constituída por:

Prof. Dr. Dionei Moreira Gomes
(Orientador e Presidente - UnB/ LIP/PPGL)

Prof. Dr. Marcos Araújo Bagno
(Membro efetivo - LET/UnB)

Profa. Dra. Orlene Lúcia de Sabóia Carvalho
(Membro efetivo - LIP/PPGL/UnB)

Profa. Dra. Daniele Marcelle Grannier
(Membro suplente - LIP/PPGL/UnB)

Dedico essa dissertação à comunidade surda brasileira pelo aprendizado da Libras e por ter contribuído para minha vida profissional. Dedico também ao meu primo escritor, Francisco Tancredo Torres (*in memoria*) pela sua delicada sabedoria com as palavras.

AGRADECIMENTOS

Ao querido professor Dionei Moreira Gomes, amigo e colega, pelas valorosas orientações, pela grande disposição e contribuição ao meu aprendizado e pela paciência.

Aos meus professores do PPGL, pelos ensinamentos de novas oportunidades e aprendizado.

Às secretárias do PPGL, sempre solícitas em atender minhas necessidades. Aos meus colegas do mestrado, surdos e ouvintes, pelo compartilhamento de conhecimento e apoio.

Ao CNPq, pelo apoio financeiro para com minha pesquisa.

À comunidade surda brasileira, pelas *trocãs* em Libras que tanto contribuíram para minha pesquisa.

Aos meus pais e irmãos, que me deixaram saudades. Serei eternamente grato pela educação que recebi durante minha trajetória. Sempre me compreenderam, inclusive com a distância, pois precisava seguir meu caminho.

Aos meus familiares e amigos do Piauí, da Paraíba e do Distrito Federal, pelo apoio e incentivo aos estudos.

Aos meus filhos pela paciência e compreensão por dedicar tantas horas nas pesquisas.

À minha eterna companheira e esposa de caminhada, com as bênçãos de Deus. Sempre dedicada em me apoiar, sobretudo nas horas difíceis. Obrigado por tamanha paciência.

RESUMO

Perceber a voz passiva como uma estratégia morfológica e sintática para i) aumentar a topicalidade de um paciente – colocando-o na posição sintática de sujeito – e, necessariamente, ii) diminuir a importância do agente – colocando-o na periferia da frase ou até apagando-a dela – é tarefa que vai muito além de transformar, mecanicamente, sentenças ativas em passivas. A presente pesquisa apresenta um estudo da sintaxe da Libras a fim de descobrir se tais características, tão presentes em (algumas) línguas orais, são observadas em Libras. Ou, dito de outra forma: como os enunciados, em Libras, colocam o paciente em posição de tópico? Haveria ainda, nos dados observados, mudança nas funções sintáticas dos argumentos, em que o paciente assumiria a função de sujeito? Questionamentos merecedores de destaque nesse processo de análise e descrição de uma língua de sinais. É, mediante o olhar funcionalista-tipológico que esta dissertação evidencia o paciente em posição de tópico, além de outras estratégias utilizadas para topicalizar em Libras. Consideramos, a partir desse olhar, que a língua é um conjunto de ferramentas, dinâmica, cujos componentes linguísticos são analisados na interação verbal, descartando uma preocupação exclusiva com a pura competência para a organização gramatical das frases. Este estudo nos fez perceber a infinidade de fenômenos linguísticos ainda tão pouco (ou nunca) analisados na Libras. Como resultados, constatamos que não há uma forma morfossintática específica e que poderia ser chamada de voz passiva em Libras, mas há formas possíveis de topicalizar o paciente a partir de construções (pro)tipicamente transitivas. Nosso percurso metodológico acabou por nos mostrar que mesmo surdos altamente escolarizados têm dificuldade em compreender a passiva do português, o que nos deixa um espaço novo para futuras pesquisas sobre a temática.

Palavras – chaves: Libras, funcionalismo-tipológico, relações gramaticais, topicalização do paciente, rebaixamento do agente e voz passiva.

ABSTRACT

To understand the passive form as a morphological and syntactical strategy that can i) rise the topicality of a patient - moving it to the subjects' syntactical position – and, necessarily, ii) reduce the agent's importance - moving it to the phrasal periphery or even extracting it – it's a task that goes beyond of only transforming, mechanically, active sentences into passive ones. The present research aims to investigate the syntax of the Libras and to find out if those above cited features, that are so present in (some) spoken languages, are found in Libras. Or, put another way: as the statements, in Libras, set the patient in a topic position? There would have, in the collected data, changings in the syntactical functions of the arguments, in which the patient would take over the subject's position? This questions deserving an attention concerning to an analysis and description's process of a signed language. And it is, by the functionalist-typological perspective that this master thesis finds the patient in the topic position, and other strategies used in order to set the topic, in Libras. Consider, from that look, that language is seen as a set of dynamic tools, whose linguistic components are taken from verbal interaction, abandoning the exclusive preoccupation with the pure competence instead of the grammatical organization of the phrases. This study collaborated to the awareness of how many linguistic phenomena have been excluded from the Libras research's agenda. As a result, we find that there is no specific morphosyntactic form and could be called passive in Libras, but there are possible ways to topicalizar the patient from buildings (pro) typically transitive. Our methodological approach turned out to show us that even highly educated deaf have difficulty understanding the passive of the portuguese, which makes us a new space for future research on the topic.

Keywords: Libras, typological – functionalism, grammatical relations, patient's topicalization, lowering of the agent and passive form.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Eduard Huet

Figura 2: Charles-Michael L'Epée

Figura 3: Capa do livro de Flausino José da Gama

Figura 4: Manifestação em defesa da escola bilíngue

Figura 5: Configurações de mãos – notação Stokoe

Figura 6: Sinais para tempo e espaço

Figura 7: Escala de agentividade/topicalidade (PAYNE, 1997)

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	VI
RESUMO	VII
ABSTRACT	VIII
LISTA DE FIGURAS	IX
SUMÁRIO	X
INTRODUÇÃO	1
2. Objetivos	5
3. Justificativa	5
CAPÍTULO 1 – INTRODUÇÃO À LIBRAS E SUAS CONCEPÇÕES HISTÓRICAS E CULTURAIS	7
1. Introdução	7
1.1 Origem das línguas de sinais e da Libras	7
1.2 Comunidade Surda	9
1.3 Política linguística para surdos	11
1.4 Escrita de sinais (Sign Writing)	13
1.5 Línguas de Sinais	14
1.5.1 Fonologia	15
1.5.2 Morfologia	17
1.5.3 Sintaxe	19
1.5.4 Semântica e Pragmática	20
CAPÍTULO 2 – SINTAXE DA LIBRAS	21
2. Introdução	21
2.1 Estrutura gramatical da Libras – um foco na sintaxe	21
2.2 Ordem das palavras	23
2.3 Tipos de Verbos em Libras	28
2.4 Pessoa (referência)	34
2.5 Tempo/Modo/Aspecto	35
CAPÍTULO 3 – METODOLOGIA	37
3. Introdução	37
3.1 Fontes dos dados	38
3.2 Escrita de Sinais e Português	39
3.3 ELAN	40
CAPÍTULO 4 - VALÊNCIA VERBAL	43
4. Introdução	43
4.1 Valência	44
4.1.1 Definição	44
4.1.2 Relações Gramaticais	45
4.1.3 Papéis Semânticos	46
4.1.4 Papéis Pragmáticos	47
4.1.4.1 Tópico e Foco	48
4.1.4.2 Topicalização do Paciente	51
4.1.4.3 Rebaixamento do Agente	51

4.2	Tipos de Redução de Valência	52
4.3	Voz Passiva: conceito, funções, exemplos	53
CAPÍTULO 5 – PASSIVA EM LIBRAS OU TOPICALIZAÇÃO?		55
5.	Introdução	55
5.1	5.1. Os dados revelam a Passiva em Libras? Quais as estratégias utilizadas nessa língua como recurso ao que poderia ser análogo à passivização?	55
5.1.1	Os Roteiros	55
5.1.2	Os vídeos da internet	68
CAPÍTULO 6 – CONCLUSÃO		71
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS		74
APÊNDICE A		79
APÊNDICE B		80

INTRODUÇÃO

A Libras – Língua Brasileira de Sinais – é reconhecida pela comunidade surda¹ e, oficialmente, pela Lei 10.436 de 24 de abril de 2002. O reconhecimento oficial da Libras como língua foi fruto de uma luta constante da comunidade surda brasileira. Porém, essa lei apenas reconheceu essa língua, mas não a tornou língua oficial ou co-oficial do Brasil, embora alguns autores afirmem, equivocadamente, isso: “Art. 1º É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais - Libras e outros recursos de expressão a ela associados” (BRASIL, 2002).

Libras apresenta uma estrutura gramatical, como qualquer outra língua oral e, politicamente, entendemos que ela é utilizada por um determinado grupo, uma comunidade surda, o que a legitima ser língua materna para esta comunidade.

Segundo Quadros e Karnopp (2004), as línguas de sinais são línguas de modalidade visuoespacial, que apresentam uma riqueza de expressividade diferente das línguas orais, incorporando tais elementos na estrutura dos sinais através de relações espaciais, estabelecidas pelo movimento ou outros recursos linguísticos. Uma língua de sinais é uma língua em que vemos e compreendemos mediante os movimentos do corpo em especial, das mãos com sua especificidade linguística e expressões abstratas e icônicas.

Brito (2010) ressalta que a Libras é uma língua natural com toda a complexidade dos sistemas linguísticos que servem à comunicação e de suporte de pensamento às pessoas dotadas da faculdade de linguagem. As línguas de sinais (LS) em geral apresentam vários desafios para a Linguística no mundo inteiro, ainda acostumada a lidar com as pesquisas científicas das línguas orais (LO), cuja modalidade é oral e auditiva. A modalidade utilizada pelas LS é visual e espacial e, já há algumas décadas, as LS despertam interesse de pesquisadores. Diferentemente do que pensam muitos, não existe apenas uma língua de sinais no mundo. Cada país tem a sua língua de sinais e suas especificidades linguísticas. Gesser (2009, p.11) justifica essa visão equivocada:

Uma vez que a universalidade da língua de sinais está ancorada na ideia de que toda essa língua é um “código” simplificado aprendido e transmitido aos surdos de forma geral, é muito comum pensar que todos os surdos falam a mesma língua em qualquer parte do mundo.

Atualmente, sabemos que poucos surdos falantes de LS são os pesquisadores de suas respectivas línguas. Durante muitos anos, os surdos participavam de cursos, seminários, congressos como meros espectadores, realidade essa que vem apresentando mudanças. Ainda somos poucos surdos pesquisadores, mas comparado ao passado, demos um grande salto sobre investigações de nossa língua. Na academia, dificilmente um surdo conseguia passar em um processo seletivo; hoje, além da graduação, temos surdos estudando na pós-graduação de muitas universidades aqui e no mundo. Nós, surdos, investigamos a nossa própria língua, cuja construção ocorreu de maneira distinta. Construir um mundo exclusivamente explorando o sentido visual é diferente, mas não pretendemos desprestigiar as pesquisas já realizadas por ouvintes, pois foram e continuam sendo válidas. Porém, nesse “palco da Libras”, merecemos um pouco mais de reconhecimento de que somos capazes, afinal, não somos mais plateia, figurantes ou coadjuvantes, agora somos protagonistas de nossa própria língua. Parece surgir uma oportunidade de pesquisar e compreender fenômenos linguísticos e todas as particularidades neles implícitos.

Observemos o exemplo na própria Universidade de Brasília, num passado não muito distante, tínhamos professores ouvintes descrevendo e explicando nossa língua, atualmente temos dois professores surdos ministrando a Libras e divulgando nossa língua. É um número pequeno? Sim, mas como dito anteriormente, estamos mostrando que o primeiro passo foi dado. O sujeito surdo retira o rótulo de *deficiência*, e toda a carga negativa que o termo carrega, para se (re)apresentar, não como deficiente, mas sim como pertencente a uma minoria linguística.

A principal pesquisa que reconheceu, historicamente, as LS como línguas dos surdos foi a do professor (ouvinte) Dr. Willian Stokoe (1919-2000), que trabalhou na Universidade Gaullaudet dos Estados Unidos por 15 anos como professor chefe do departamento de Inglês. Seu tema principal de pesquisa foi a American Sign Language (ASL) – Língua Americana de Sinais. Sobre ela, publicou o livro *Language Structure: an Outline of the Visual Communication System of the American Deaf* e foi co-autor de *A Dictionary of American Sign Language on Linguistic Principles* com seus dois colegas surdos da Gaullaudet, Carl Croneberg e Dorothy Casterlin.

A partir das pesquisas dele nos anos de 1960, se reconheceu que as línguas dos surdos apresentam todas as características das línguas orais. Nos primeiros estudos, propôs utilizar duas nomenclaturas: *quirema*, unidades mínimas dos sinais, e *quirologia*, estudo das combinações. Também aprofundou a pesquisa sobre a estrutura simultânea de organização dos elementos das

línguas de sinais. Outros autores, como Klima e Bellugi (1979), Wilbur (1987), Hulst (1993), Supalla e Newport (1978) Padden (1983), Liddell (1984) aprofundaram os estudos sobre a estrutura linguística da ASL – Língua de Sinais Americana.

A Libras começou a ser estudada cientificamente na década de 1980, com a pesquisadora pioneira Lucinda Brito, que publicou o livro *Por uma Gramática: Línguas de Sinais* no ano de 1995. Segundo o historiador Antônio Campos, antes do termo *Libras*, ela defendia a sigla BCSL (Brazilian Cities Sign Language), a fim de diferenciar as duas línguas existentes no Brasil: língua de sinais usadas pelos surdos não-indígenas e a língua de sinais utilizada pela tribo indígena Urubu-Kaapor¹.

A pesquisadora viajou para a Europa e os Estados Unidos para explorar os conhecimentos das línguas de sinais em diversos países e oferecer informações sobre a gramática da Libras. Dentre essas informações, constam em suas pesquisas aspectos fonológicos, morfológicos, sintáticos, o uso dos chamados classificadores e a transcrição de sinais, entre outros, sempre comparando a Libras à ASL.

Ronice Muller de Quadros, coda², professora e pesquisadora da área, escreveu a dissertação *As categorias vazias pronominais: uma análise alternativa com base na Língua Brasileira de Sinais e reflexos no processo de aquisição*. (1995) e a tese *Phrase Structure of Brazilian Sign Language* (1999). Também há diversos livros publicados por ela, entre eles: *Língua de Sinais: Instrumentos de Avaliação* (2011), *Teorias de Aquisição da Linguagem* (2008), *Questões Teóricas das Pesquisas em Língua de Sinais* (2008), *Curso de Libras 1* (2006), *Ideias para ensinar o português para alunos surdos* (2006), *Língua de Sinais Brasileira: Estudos Linguísticos* (2004), *O Tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa* (2004), entre outros.

Um dos livros de maior referência publicado por Quadros & Karnopp (2004), em coautoria com L. Karnopp, é *Língua de Sinais Brasileira: Estudos Linguísticos*, que traz aspectos da fonologia, morfologia e sintaxe da Libras.

¹ Pesquisa elaborada pela Ferreira Brito com as citações dos capítulos: “Similarities and Differences in Two Brazilian Sign Languages, em 1984, e “A Comparative Study of Signs for Time and Space in São Paulo and Urubu-Kaapor Sign Languages”, em 1985.

² *Coda* é o termo usado para designar ouvintes que são filhos de pai e mãe surdos. A origem desse termo é a seguinte: CODA = Child of Deaf Adults, organização criada pelos filhos ouvintes na década de 1980 nos Estados Unidos; no Brasil, temos um grupo que participa dessa organização: <http://codabrasil.blogspot.com.br>.

Diferentemente do passado, há muitos estudos, dissertações e teses sobre a Libras. Por exemplo, *Variação Linguística em Língua de Sinais Brasileira – Foco no léxico* (2011), Castro Junior; *Assimilação na Língua de Sinais Brasileira* (2013), Resende; *Aquisição Fonológica na Língua Brasileira de Sinais* (1999), Karnopp; *Descrição Fonética-Fonológica dos Sinais da Língua de Sinais Brasileira* (2006), Xavier; *A Estrutura Silábica na Língua Brasileira de Sinais* (2011), Cunha; *Instrumentos Linguísticos da Língua Brasileira de Sinais Constituição e Formulação* (2012), Silva; *A segmentação da língua de sinais brasileira – Libras – Um estudo linguístico descritivo a partir da conversação espontânea entre surdos* (2008), Leite; *Representações lexicais da língua de sinais brasileira: uma proposta lexicográfica* (2009), Nascimento; *Classificação nominal em Libras: um estudo sobre os chamados classificadores* (2012), Mendonça; *Reduplicação na Língua Brasileira de Sinais* (2012), Pagy; entre outros.

Mas há muito estudo a fazer, sobretudo na área da sintaxe, da semântica e da pragmática, como, por exemplo, pesquisas sobre mudanças de valência, voz verbal, protótipos, categorização, topicalização, focalização, e muitos outros temas e áreas da Linguística.

Neste trabalho, pretendemos pesquisar se existem construções passivas em Libras. Nossa pergunta básica, na verdade, é: como o usuário de Libras coloca em evidencia o paciente? Isso ocorreria através de uma mudança de voz, como ocorre em línguas orais? A topicalização de um paciente provoca mudança estrutural como nas passivas ou é feita somente com inversão de ordem? Como a Libras demonstra maior grau de topicalidade de um paciente? E como a Libras *apaga* o agente? Este pode ser eliminado? Ocorre mudança semântica no verbo como nas passivas em caso de topicalização? Para confirmar (ou não) o uso da passiva na Libras ou de construção similar à passiva, buscamos compreender as construções passivas em outras línguas, a fim de obter maiores esclarecimentos nesse campo de estudo: Givón (2001), Payne (1994,1997), Shibatani (1985, 1995), Whaley (1997), Gomes (2006), Cunha (2003), Ciríaco (2007), Oliveira (2004), entre outros.

Vejamos uma situação comum em português:

1. O que houve com a caneta do João?
 - 2a. A caneta do João, a Maria quebrou.
 - 2b. A caneta do João foi quebrada pela Maria.

2c. A Maria quebrou a caneta do João.

Em 2a e 2b, temos topicalização, mas com diferentes níveis representados pelas diferentes estruturas. Em 2a, temos apenas a inversão da ordem e a mudança de prosódia; "caneta" continua sendo objeto direto. Mas em 2b, "caneta" passou a ser o sujeito do enunciado; outra importante diferença é que o agente de 2b pode ser eliminado; isso mostra que é o paciente em 2b estruturalmente mais significativo e, obviamente, é também pragmaticamente o mais importante. Como isso acontece em Libras?

2. Objetivos

2.1 Objetivo geral

2.1.1 Estudar a sintaxe da Libras a fim de descobrir se há passiva nessa língua e/ou outras formas de topicalização do paciente.

2.2. Objetivos específicos

2.2.1. Avaliar e contribuir para os estudos sobre ordem de palavras em Libras;

2.2.2 Demonstrar como os papéis semânticos de agente e paciente se apresentam na língua;

2.2.3. Pesquisar as principais estratégias de topicalização em Libras;

2.2.4. Pesquisar a existência ou não de voz passiva em Libras;

2.2.5. Contribuir para o ensino de Libras a partir da pesquisa de sua estrutura sintática e suas possíveis motivações pragmático-discursivas.

3. Justificativa

As pesquisas relacionadas às áreas da sintaxe, da semântica e da pragmática da Libras são muito incipientes. Algo relevante que merece destaque em Libras é a falta de estudos, voltados para a própria língua, que não se ancorem em modelos já estabelecidos para outras

línguas de sinais e/ou sirvam para constatar ou não a presença de um mesmo fenômeno ou elemento comum a todas elas.

Por fim, mas não menos importante, este trabalho pode vir a contribuir para produção futura de materiais didáticos pertinentes ao ensino de português para surdos ou mesmo ao ensino formal de Libras.

A metodologia empregada em nossa pesquisa e o quadro teórico usado serão apresentados respectivamente nos capítulos 3 e 4.

Assim, esta dissertação está dividida em cinco capítulos: no capítulo 1, fazemos uma introdução geral sobre a Libras e sua história, a comunidade surda e noções básicas da linguística de Libras ; no capítulo 2, abordamos aspectos da sintaxe de Libras; no capítulo 3, apresentamos a metodologia de coleta de dados com a biografia dos colaboradores e dos usos tecnológicos para efetivar a coleta de dados; no capítulo 4, apresentamos o capítulo teórico; e, no capítulo 5, analisamos as estruturas frasais da Libras através dos dados coletados com os colaboradores, com imagens para obter o resultado da Passiva ou Topicalização em Libras.

CAPÍTULO 1 – INTRODUÇÃO À LIBRAS E SUAS CONCEPÇÕES HISTÓRICAS E CULTURAIS

1. Introdução

Organizamos o presente capítulo em 5 seções. Na seção 1.1, falamos da origem das línguas de sinais e da Libras; na seção 1.2, comentamos sobre a comunidade surda de acordo com a sua cultura e identidade também surda; na seção 1.3, apresentamos a política linguística dos surdos e a sua luta dos direitos através da Libras e da Escola Bilíngue; na seção 1.4, falamos sobre a escrita de sinais e, na última seção, 1.5, fazemos uma breve e introdutória descrição linguística da Libras.

1.1 Origem das línguas de sinais e da Libras

Pouco se sabe sobre a origem das línguas de sinais. Conforme Felipe (2009, p. 130), uma fonte de registro antigo remonta a 368 a.C., na obra *Crátilo*, de Platão: “Suponha que nós, seres humanos, quando não falávamos e queríamos indicar objetos, uns para os outros, nós o fazíamos, como fazem os surdos-mudos, sinais com as mãos, cabeça e demais membros do corpo?”. Entendemos que essa pergunta acaba por registrar a existência de comunicação entre surdos já nessa época. É uma questão da sobrevivência.

De acordo com outros registros, uma língua de sinais era utilizada por monges beneditinos da Itália, em 530 d.C., para manter o voto de silêncio (FELIPE, 2009, p. 130).

Segundo Moura (2000, p. 18), há registros de línguas de sinais iniciadas pelo filólogo e soldado a serviço secreto do rei da Castela, atual Espanha, Juan Pablo Bonet (1579 – 1629), sobre os métodos de ensino para os surdos através do uso do alfabeto digital, para alfabetizar e transmitir conhecimentos gramaticais. Segundo Moura (2000, p.19), os moldes manuais do alfabeto digital foram escritos pelo monge franciscano Melchior Yebra (1524 – 1586) e divulgados em livros publicados na época.

Para Moura (2000, p. 22), o professor Charles-Michel L'Épée (1712 – 1789) é considerado por muitos como inventor da Língua de Sinais Francesa, apesar de saber que a língua já existia antes mesmo de iniciar seu trabalho. L'Épée defendia a ideia de que os surdos tinham uma língua, o que os colocou na categoria humana. Foi fundador do Instituto Nacional para Surdos-Mudos em Paris (MOURA, 2000, p. 22 e 23). Um dos destaques de suas pesquisas foi ter reconhecido que esta língua existia, desenvolvia-se e servia como base comunicativa essencial entre os surdos. Segundo Berthier (1984, p.179 *apud* NASCIMENTO, 2006, p. 261): “(...) L'Épée foi o primeiro a vislumbrar, na linguagem mímica ainda imperfeita deles, meios mais seguros e simples de comunicação e uma mais direta e clara tradução de pensamento”.

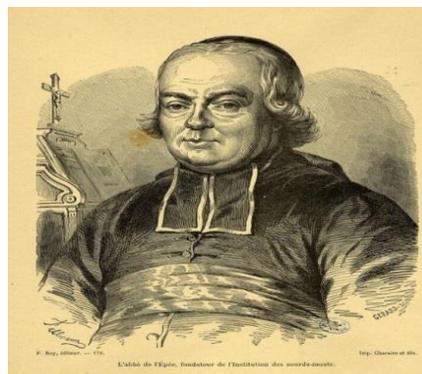
Em relação à Libras, sabe-se que está relacionada com a vinda, para o Brasil, do professor francês Eduard Huet em 1855, a convite do imperador Dom Pedro II, com o objetivo de criar uma escola de surdos. Com a presença do professor, foi fundada a primeira escola para surdos no Rio de Janeiro, o Imperial Instituto de Surdos-Mudos, onde funciona atualmente o Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES. Na escola, os alunos surdos aprenderam uma mistura de língua de sinais francesa com os sistemas já usados pelos surdos de várias regiões do Brasil, a Libras (FELIPE, 2009, p.131).

Ainda segundo Felipe, o primeiro livro publicado no Brasil, de autoria do ex-aluno do INES Flausino José da Gama, foi escrito em 1875. Essa foi a primeira pesquisa sobre os sinais mais usados pela comunidade surda do Rio de Janeiro.

Figura 1 – Eduard Huet



Figura 2 - Charles-Michel L'Épée

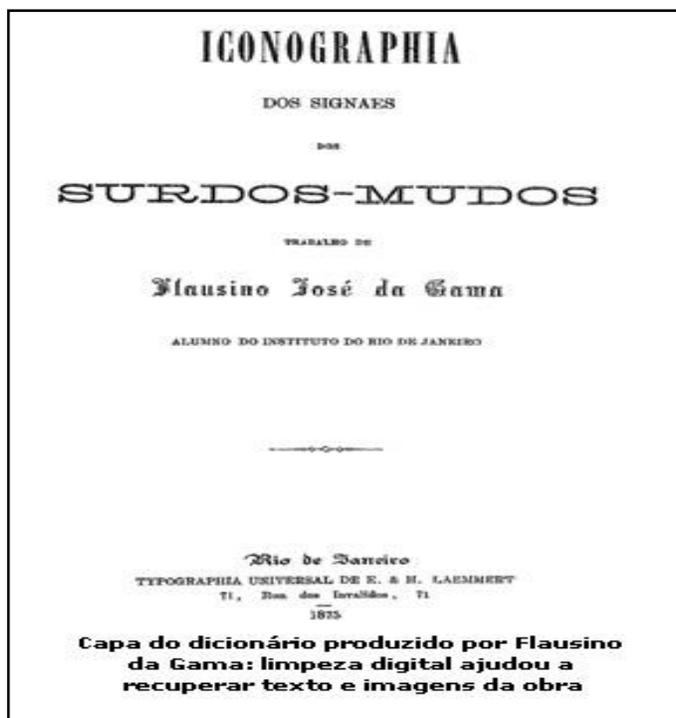


Fonte: Asociación Sordos Del Municipio de Tabasco – Zacatecas³ e Cultura Sorda⁴

³ <http://asmtabascozac.blogspot.com.br/p/dia-nacional-del-sordo.html>

⁴ <http://asmtabascozac.blogspot.com.br/p/abad-charles-michel-de-lepee.html>

Figura 3 – Capa do livro de Flausino José da Gama



Fonte: http://www.unicamp.br/unicamp/unicamp_hoje/ju/agosto2011/ju500_pag3.php

Entretanto, é fato que sempre existiram sinais utilizados por surdos nas diversas regiões do nosso país, como defende o historiador surdo Antônio Campos em vídeo gravado em Libras e postado no *blog* “Brasil – Língua Brasileira de Sinais – Libras – Libraslândia”. Para ele, a Libras teria surgido originalmente em Pernambuco.

1.2 Comunidade Surda

Strobel (2008) apresenta diferenças entre *comunidade* e *povo surdo*. Quais seriam as diferenças mais relevantes se compararmos esses dois conceitos? Vejamos a definição do Novo Dicionário Aurélio (2010): “*Comunidade* é qualquer grupo social cujos membros habitam uma região determinada, têm um mesmo governo e estão irmanados por uma mesma herança cultural e histórica”. Já “*povo* é um conjunto de indivíduos que falam a mesma língua, têm costumes e hábitos idênticos, afinidade de interesses, uma história e tradições comuns”.

Para Strobel (2008, p. 33), a comunidade surda, de fato, não é formada só de sujeitos surdos; há também sujeitos ouvintes – membros da família, intérpretes, professores, amigos e outros – que participam e compartilham interesses em comum, em uma determinada localização, e o povo surdo é aquele que, embora não habite o mesmo bairro ou cidade em um país, apresenta tradições parecidas através das origens e também com o uso da língua de sinais.

Felipe (2009, p. 82) apresenta características peculiares à cultura surda em sua comunidade. Assim os surdos:

- a) preferem se relacionar com outros surdos;
- b) gostam de fazer piadas com as diversas interações entre surdos e ouvintes;
- c) usam o teatro para trazer experiências do universo surdo;
- d) têm um modo peculiar de olhar o mundo, onde as pessoas são expressões faciais e corporais ;
- e) como falam com as mãos, evitam usá-las desnecessariamente e, quando as usam, possuem uma agilidade e leveza que podem se transformar em poesia.

Sobre como analisar uma língua de sinais na comunidade surda, a fim de coletar dados e compreender a existência das diferenças de sinais entre as comunidades, Zeshan (2008, p. 46, *apud* SOUZA e SEGALA 2009) afirma:

Ao mapear o território de diferentes Línguas de Sinais, é importante considerar os parâmetros sociolinguísticos dos variados contextos onde existem comunidades que utilizam Língua de Sinais. Tais parâmetros incluem, entre outros:

- A idade da Língua de Sinais,
- O tamanho da comunidade usuária,
- A situação de contato com outras línguas (faladas/escritas/sinalizadas),
- O grau de ameaça de extinção,
- O número relativo de usuários de língua materna (L1) *versus* usuários de segunda língua (L2). Antes da emergência dessas línguas, há relatos da existência de indivíduos isolados, usuários de sistemas de comunicação gestual.

Portanto, é fundamental que os pesquisadores de LS tenham uma noção das diferenças linguísticas das comunidades surdas, devido aos aspectos sociolinguísticos.

1.3 Política linguística para surdos

Para compreender melhor a política linguística, Arnoux (1999, *apud* Castilho 2010, p. 97) afirma que “o estudo das políticas linguísticas são estimuladas por necessidades sociais e, em grande medida, tende a propor linhas de intervenção” e, ainda, aquele que se interessa pela política linguística “deve aderir a certos princípios políticos, éticos, ideológicos que vão orientar sua pesquisa e suas propostas”.

Azeredo (2005, p.5) apresenta a opinião do militante surdo Antônio Abreu sobre comunidade surda:

Preservar a cultura da comunidade surda é necessário e importante. Usar a Língua Brasileira de Sinais é cidadania para toda comunidade surda. Respeitar a forma de comunicação do surdo é um dever da sociedade e de todos. Os surdos sonham com um mundo pelas mãos que falam.

Os governos têm a missão de fazer suas ações sobre as línguas conforme os interesses da sociedade defensora do reconhecimento da sua língua:

La intervención humana en la lengua o en las situaciones lingüísticas no es algo nuevo: desde siempre, también, el poder político ha privilegiado tal o cual lengua, ha elegido gobernar el Estado en una lengua o imponer a la mayoría la lengua de una minoría. Pero la política lingüística, determinación de las grandes opciones en materia de relaciones entre las lenguas y la sociedad, y su puesta en práctica, la planificación lingüística, son conceptos recientes que recubren solo en parte estas prácticas antiguas. (CALVET 1997, p. 5 *apud* PATERNO 2009 p. 26)

Entre as políticas linguísticas anteriores, os surdos mobilizados pela causa lutaram arduamente em defesa da Libras, quando foi criada a Lei 10.436 de 24/04/2002 e, posteriormente, regulamentada pelo Decreto 5626 de 22/12/2005. Foi umas das conquistas mais significativas, porém ainda temos muito a fazer pelo futuro.

Recentemente, muitos surdos brasileiros participaram de manifestações em defesa da Escola Bilíngue. Nessas manifestações, contaram com a força da FENEIS (Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos) e de outras instituições como escolas especiais, APAEs (Associação de Pais e Amigos Excepcionais), APADA (Associação de Pais e Amigos dos Deficientes Auditivos), outros defensores das escolas especiais, associações ou sindicatos dos

tradutores e intérpretes de Libras, bem como de parte da sociedade que defende os direitos dessa minoria.

As crianças surdas devem adquirir Libras como primeira língua, e Português como segunda língua. É o que dizem os resultados da pesquisa do Programa de Avaliação Nacional do Desenvolvimento Escolar do Surdo – PANDES cujo coordenador e responsável pela equipe é o professor Dr. Fernando Capovilla. Em entrevista dada ao *Estadão* 27/07/2011, ele fala sobre a escolarização com as crianças surdas, em Libras e, os deficientes auditivos, em português. Esse é o maior programa do mundo para avaliação do desenvolvimento escolar, de cognição e de linguagem de uma população escolar surda e ocorreu entre 2001 e 2011 com o apoio do CNPq, Capes e Inep, com a participação de mais de 8 mil surdos em 15 estados brasileiros.

Figura 4 – Manifestação em defesa da escola bilíngue, Brasília, maio 2011



Fonte: www.facebook.com/photo.php?fbid=157285261009141&set=o.193408724034259&type=3&theater

Entendemos que as crianças surdas apresentam maior facilidade em adquirir, primeiramente, uma língua de sinais devido à sua modalidade espacial e visual e posteriormente uma língua oral, como segunda língua. Assim, seria necessário que elas, crianças surdas, adquirissem a Libras como língua materna, a fim de obter o aprendizado das diversas disciplinas em Libras. Isso facilitaria o processo de aquisição de conhecimento, afinal o conteúdo ministrado viria de docentes bilíngues (surdos ou ouvintes com domínio da Libras e com metodologia diferenciada), preferencialmente, de professor surdo.

Recentemente, foi sancionada a Lei 13.005, de 25 de junho de 2014, com a aprovação do Plano Nacional de Educação, que inclui o regimento sobre as escolas bilíngues para os alunos surdos.

1.4 Escrita de sinais (*Sign Writing*)

O professor da Universidade Gaullaudet, William Stokoe (1919 - 2000), inventou um sistema de escrita, chamado notação Stokoe, que tinha como objetivo registrar sinais para sua pesquisa. Ele e sua equipe criaram uma notação com cinco elementos: o lugar, as configurações das mãos, os movimentos, a orientação e sinais diacríticos, conforme ilustrado na figura abaixo:

Figura 5 – Configurações das mãos

Configurações das mãos conforme Stokoe					
	A	Punho fechado		I	Como "I"
	Δ	Punho fechado, polegar estendido		K	Como "K"
	B	Mão plana		3	Como "3"
	B̂	Como "B" mas dedos curvos		R	Como "R"
	5	Dedos estendidos como "5"		V	Como "V"
	C	Mão curvada como "C"		W	Como "W"
	E	Mão contraída		X	Índice curvo
	F	Como "F"		Y	Mínimo e indicador estendidos
	G	Indicador aponta		8	Médio e polegar em contato
	H	Indicador e médio apontam (antiga forma do "H")			

O site da notação de Stokoe contém informações e exemplos de signos escritos. Acesse :
<http://www.signwriting.org/forums/linguistics/ling006.html>

Fonte: UFSC – Curso Letras/Libras – Disciplina Escrita de Sinais I

Capovilla e Sutton (2001, p. 55) definem o objetivo da Escrita de Sinais como:

Um sistema de escrita visual direta de sinais. Esse sistema é capaz de transcrever as propriedades sublexicais⁵ das Línguas de Sinais, do mesmo modo que o Alfabeto Fonético Internacional é capaz de transcrever as propriedades sublexicais das línguas orais. Seu objetivo é ser um sistema prático para a escrita de sinais que possibilite a comunicação rápida e inequívoca em Língua de Sinais, por escrito, por surdos no dia a dia.

Utilizaremos, no presente trabalho, o sistema elaborado por Sutton para registrar alguns exemplos em Libras.

1.5. Línguas de Sinais

O objetivo desta seção é apresentar uma introdução a alguns aspectos linguísticos das línguas de sinais. A língua de sinais utilizada em vários países não é universal. As línguas de sinais têm sua gramática diferenciada conforme cada país ou comunidade. É fundamental conhecer as noções básicas da linguística da língua de sinais para ampliar as pesquisas nessa área.

Para Ramos (1995, pag. 21), as LS são portadoras de estrutura própria e, portanto, codificadoras de uma 'visão de mundo' específica, constituídas de uma gramática, apresentando especificidades em todos os níveis: fonológico, sintático, semântico e pragmático.

Segundo Quadros & Karnopp (2004, pag. 08): LS são línguas que são utilizadas pelas comunidades surdas. As línguas de sinais apresentam as propriedades específicas das línguas naturais, sendo, portanto, reconhecidas enquanto línguas pela Linguística. As línguas de sinais são visuais-espaciais, captando as experiências visuais das pessoas surdas.

Para Gesser (2009), existem falácias sobre língua de sinais, entre elas: LS é universal (a mesma em todos os lugares do planeta), artificial, mímica, alfabeto manual, ou mesmo afirmações como “a língua de sinais é o código secreto dos surdos”, “a língua de sinais é o alfabeto manual” ou “a língua de sinais tem suas origens históricas na língua oral”. Para os estudiosos da LS, todas essas falácias devem ser abolidas a fim de evitar perpetuar tais equívocos.

Uma língua, seja ela visual ou oral, possui estrutura gramatical específica com estruturas linguísticas diferenciadas na: fonologia, morfologia, sintaxe, semântica e pragmática.

⁵ Propriedades sublexicais são as subdivisões da unidade mínima do sinal como os parâmetros: configurações de mãos, sua orientação, movimentos do espaço e expressões faciais ou expressão não manual. (ROSA, 2008 p. 51)

1.5.1. Fonologia

Nos estudos sobre línguas de sinais, as pesquisas têm falado em fonologia. De acordo com Xavier (2006), Stokoe (1960) e Battison (1978), os sinais da Língua de Sinais Americana (ASL) são constituídos de três partes ou parâmetros independentes:

1. Localização: é o local do corpo em que o sinal é produzido;
2. Configuração de Mão: é a forma da mão em que o sinal é apresentado;
3. Movimento: é uma maneira como a mão se move.

Segundo Xavier (2006, pag. 13): “em 1978, Battison acrescentou um outro parâmetro, o de orientação da palma, devido ao aspecto de sinais com pares mínimos. A orientação da palma distingue um sinal do outro”.

Para compreender os pares mínimos em sinais, Leite (2008) afirma que é possível identificar aspectos dos sinais que permitem a distinção de itens lexicais. Vejamos um exemplo⁶:



<TRABALHAR>



<TELEVISÃO>

Os sinais acima são pares mínimos por apresentarem a mesma configuração de mão, localização, movimento e ausência de expressão não-manual. O único parâmetro que os diferencia é a orientação da mão. No sinal de “trabalhar”, as palmas das mãos são orientadas para

⁶ Para os leitores compreenderem melhor, os sinais escritos, abaixo das figuras, apresentam uma pequena diferença na orientação dos dois sinais. Assim, na escrita, o sinal TRABALHAR tem os dedos dos indicadores cortados com a mão, indicando que a palma está orientada para baixo, e o sinal de TELEVISÃO não apresenta cortes dos dedos; portanto, a palma permanece orientada para parede.

baixo, e, no sinal de “televisor”, as palmas das mãos são orientadas para frente. Vejamos outro exemplo:



<APRENDER>



<LARANJA>

O sinal de “aprender” está localizado na testa, enquanto o sinal de laranja está localizado próximo à boca; portanto, só alteramos a localização, o que os torna pares mínimos, analogamente ao que encontramos com fonemas.

De acordo com Leite (2008, p.21), Stokoe denominou o componente fonológico dos sinais de querema (do grego *Khéir*, mãos) por acreditar que a denominação fonema seria inadequada por ela ser relacionada a som. Mas a literatura linguística não adotou essa terminologia, assim como também não adota mais os termos originalmente empregados para designar os componentes (parâmetros dos sinais): configuração de mão originalmente era denominada *designator*; localização era *tabula* e movimento, *signation*.

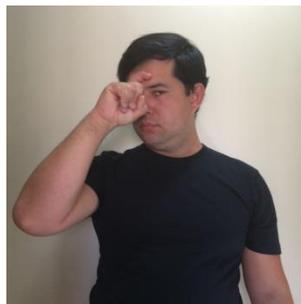
Leite (2008) informa ainda que Liddel (1978) notou o uso de algumas expressões faciais por alguns surdos falantes de ASL. Ela fez o registro através de fotos de diversos sinais, apresentados pelos surdos e constatou o uso da expressão facial em vários momentos desse registro.

Porém, para Leite (2008), Stokoe já havia falado do papel da expressão facial em 1965, quando abordou os argumentos de sim/não e, posteriormente, Bellugi e Fisher (1972) e Baker

(1976) já tinham revelado que o movimento da cabeça de um lado para outro indicava uma oração negativa.

1.5.2. Morfologia

Para Leite (2008), Mesquita (2008) e Quadros & Karnopp (2004), a maioria dos sinais em Libras são monomorfêmicos. Ou seja, um sinal apresenta apenas uma forma, um morfema, que é composto de todos os parâmetros da língua de sinais proposto por Stokoe. Vejamos isso nos exemplos abaixo, em que um único item lexical é utilizado para executar o sinal:



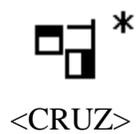
<HOMEM>



<HOSPITAL>

Conforme Leite (2008), haveria 3 tipos de sinais complexos, todos formados por composição:

1 – Sinais compostos: são executados dois sinais com apenas um significado.



<IGREJA>

2 – Sinais com incorporação de números:



<1 DIA>



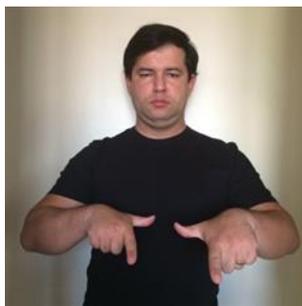
<2 DIA>



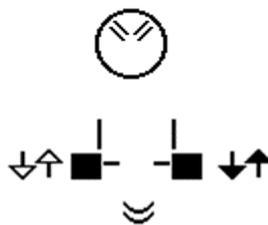
<3 DIA>

Aqui o sinal apresenta configurações de mão distintas, para expressar a quantidade de dias.

3 – Sinais modificados aspectualmente:



<TRABALHAR>



<TRABALHAR-MUITO>

Com relação a esse último exemplo, o autor destaca que:

Um processo bastante produtivo de modificação de aspecto nas LSs é a reduplicação, também documentada principalmente nas línguas indígenas e asiáticas. Por exemplo, na Libras, a reduplicação das sequências de movimento e suspensão acompanhada de sinais não-manuais pode expressar a ideia de iteratividade (ESTUDAR e ESTUDAR-MUITO). Além disso, a expressão de diferentes aspectos parece ser diferenciada formalmente por mudanças na qualidade dos movimentos reduplicados, e pelo possível acompanhamento de sinais não-manuais específicos. (LEITE, 2008 p.27)

1.5.3. Sintaxe

Segundo Leite (2008, p. 28),

Os estudos de sintaxe da ASL e das demais LSs do mundo ganharam um novo impulso a partir da década de 70. Até então, a maior parte dos pesquisadores acreditava que a ordem das sentenças na ASL era basicamente livre, sem restrições, tendo em vista que, em diferentes contextos discursivos, os sinais correspondentes a sujeito e objeto apareciam posicionados de diferentes maneiras em relação ao verbo. Essa visão começou a mudar a partir dos estudos que vieram destacar o importante papel dos sinais não-manuais, principalmente relativos ao rosto e à cabeça, na identificação de fenômenos sintáticos. (LEITE, 2008 p. 28)

E a sintaxe da Libras, no Brasil, começou a ser estudada a partir da década 1980. Namura (1982) fez uma dissertação com o tema *A ordem sintática e a repetição em Mogi das Cruzes*. Na sequência, vieram os estudos de Brito (1984) com pesquisas que tomaram como parâmetro o que se pesquisava em ASL. Reservamos o capítulo 2 desta dissertação para abordar melhor a sintaxe em Libras, sobretudo com relação aos temas sintáticos que nos interessam pesquisar aqui.

1.5.4. Semântica e Pragmática

Atualmente, há poucas pesquisas sobre Semântica e Pragmática da Libras. Para Quadros & Karnopp (2004), o estudo da semântica averigua a natureza do significado individual das palavras e do agrupamento das palavras nas sentenças. Para McCleary e Viotti (2009, p. 6): “o estudo do significado linguístico com base apenas no sistema da língua – fora do contexto de uso – é o objeto específico de estudo da Semântica”.

A Pragmática também é uma área da linguística muito importante para os estudos linguísticos. Segundo Fiorin (2008, p. 161): é a ciência do uso linguístico, que estuda as condições que governam a utilização da linguagem, a prática linguística. Um dos domínios de fatos linguísticos que exigem a introdução de uma dimensão pragmática nos estudos linguísticos é a enunciação, ou seja, o ato de produzir enunciados.

McCleary e Viotti (2009, p. 6) definem pragmática como “o estudo do significado das expressões linguísticas em contextos de fala”.

No capítulo teórico, voltaremos a falar de Semântica e Pragmática ao abordar os papéis semânticos (Agente, Paciente, sobretudo) e os papéis pragmáticos (Tópico e Foco), além do tema Topicalização, todos estes muito importantes para esta dissertação.

CAPÍTULO 2 – SINTAXE DA LIBRAS

2. Introdução

Neste capítulo, apresentamos alguns aspectos relevantes já descritos na literatura sobre a gramática da Libras, em particular sobre sua sintaxe. Ele está dividido em seis seções. Na seção 2.1, falamos sobre a estrutura gramatical da Libras com foco na sintaxe; na seção 2.2, comentamos a respeito da ordem de palavras em Libras; na seção 2.3, abordamos a concordância verbal e os tipos de verbos; na seção 2.4, mostramos como ocorre a concordância verbal voltada para a flexão número-pessoal; na seção 2.5, analisamos a concordância verbal flexão tempo/modo e aspecto e, na última seção, apresentamos as considerações finais acerca do tema Sintaxe da Libras.

2.1 Estrutura gramatical da Libras – um foco na sintaxe

Ao se discutir estrutura gramatical da Libras com foco na sintaxe, é preciso inicialmente conhecer o que pode estar constituindo essa estrutura em outros domínios linguísticos, como a fonologia e a morfologia.

De acordo com Stokoe (1960), a partir de seus estudos sobre a American Sign Language (ASL), as línguas de sinais apresentam um nível linguístico sublexical que se assemelha à fonologia das línguas orais. O autor destaca que as línguas de sinais apresentam pares mínimos: há itens lexicais distintos e diferenciados por um único elemento discreto e sem significado.

Nos sinais APRENDER e SÁBADO em Libras, é possível perceber a diferença de um único parâmetro que é o da localização, portanto, esses sinais têm a mesma configuração de mão que é uma representação do sinal da mão, mesmo movimento, mesma orientação quando a palma dos dois sinais estão orientadas para o lado e não têm expressão não-manual:



<APRENDER>



<SÁBADO>

Stokoe (1965) propõe ainda que os sinais são compostos por três elementos fonológicos básicos: configuração de mão (CM); localização (L) e movimento (M). Em estudos posteriores, Battison (1974), Liddel e Johnson (1989) *apud* Crato (2010) acrescentam a orientação da palma da mão (OR) e as expressões não manuais (ENM) como dois outros elementos que possuem um importante papel no que poderia ser chamado de estrutura fonológica dos sinais.

Nas línguas de sinais, a unidade que unifica forma e significado é o sinal. Os sinais podem ser formados por mais de um componente que denota sentido e/ou função gramatical. Segundo Oliveira e Cunha (2011), os componentes dos sinais são simultâneos, o que, a nosso ver, dificulta a identificação de morfemas. Para Meir (2012) uma característica marcante das línguas sinalizadas é o fato de o léxico apresentar um número maior de elementos icônicos do que as línguas orais.

Para Souza (2014), outro ponto de estudo sobre a morfologia são os estudos de processos sobre a formação e a modificação dos sinais. Há os processos de criação de novas palavras, conhecida como morfologia derivacional, e os processos de criação de novas formas da mesma palavra, morfologia flexional.

A sintaxe, segundo Quadros & Karnopp (2004, p.20), é: “a parte da linguística que estuda a estrutura interna das sentenças e a relação interna entre suas partes”. Ao analisar as estruturas internas das sentenças na Libras, podem-se perceber as seguintes características: ausência de preposição, de conjunções e de verbos de ligação, a incorporação de verbos direcionais ou com concordância ou flexão, típico de línguas espaço-visuais. (FERNANDES, 1994).

Os principais aspectos linguísticos da sintaxe de Libras, conforme Stumpff (2005 p. 25), são: exploração do uso do espaço (organização de objetos e referentes e não-presentes); uso da

marcação de concordância nos verbos com concordância; uso dos elementos necessários para marcação de concordância com verbos sem concordância (auxiliar, ordem linear, topicalização e foco); uso de estruturas complexas (interrogativo, relativas e condicionais); uso de topicalização; uso de estruturas com foco e uso de marcação não-manual gramatical para realização de concordância; perguntas QU e sim/não; negação. Todos esses aspectos são abordados por diversos autores, mas não foram ainda aprofundados.

Para exemplificar essa sintaxe da Libras com suas regras específicas, a seguir abordamos o conceito de ordem de palavras na língua de sinais e a chamada concordância na língua a partir dos tipos verbais em Libras.

2.2. Ordem das palavras

Segundo Souza (2014), um dos temas mais discutidos na área da Sintaxe é a ordem básica dos constituintes na frase em diferentes línguas de sinais e em diferentes tipos de sentenças, principalmente as sentenças interrogativas e as construções de tópico e foco.

Quadros (1999) afirma que a Libras tem uma estrutura da ordem dos constituintes semelhante à da ASL: (S) sujeito, (V) verbo e (O) objeto – SVO.

Para Fisher (1973), a ordem básica em ASL também é SVO, porém “Se o verbo for transitivo e o sujeito e o objeto forem reversíveis, ou seja, há uma mudança na orientação da mão e da direção do sinal, a flexibilidade nas ordenações será mais restrita” (Fisher, 1973, p. 15 *apud* Quadros & Karnopp, 2004, p. 135). Fisher também constatou que as estruturas não-reversíveis, ou seja, flexíveis, apresentam quatro combinações SVO, OSV, VOS, e SOV, sendo que a OSV produz uma possível topicalização do objeto, que será analisada no capítulo da análise de dados.

Quadros & Karnopp (2004, p.135), em consonância com Fischer (1973), confirmam que há diferentes padrões de ordenação em virtude da flexibilidade na ordenação dos constituintes, porém afirmam que essas ordens são arranjos existentes na língua derivados da ordem subjacente.

Souza (2014) destaca que todas as sentenças com ordem SVO são gramaticais. Observemos alguns exemplos:

a.



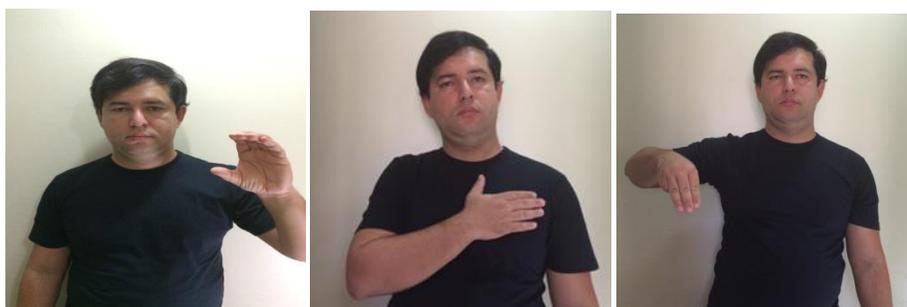
<CARLA>

< GOSTAR>

< VÔLEI>

A Carla gosta de vôlei.

b.



<CARLA>

<GOSTAR>

< MARCOS>

A Carla gosta do Marcos

c.



<EU>

<ACHAR>

< MARIA>

<IR-EMBORA>

Eu acho que a Maria foi embora.

A sentença (1b) traz um verbo simples, que significa sem concordância, e a sentença tem a ordem SVO. Contudo, mesmo sendo verbo simples, apresenta os argumentos considerados reversíveis, ou seja, ambos os argumentos possuem propriedades semânticas capazes de exercer tanto a função sintática de sujeito quanto de objeto da sentença.

Quadros (1999), apesar de defender uma ordem básica da Libras, SVO, apresenta o que a autora intitula como a flexibilidade na ordem dos constituintes. Algumas construções, como a (1b) não permitem essa flexibilização, afinal, é a ordem SVO que estabelece as relações sintático-semânticas de cada um dos argumentos. Caso tentássemos topicalizar o objeto, mudando a ordem para OSV, teríamos possivelmente outra sentença, em que Marcos seria interpretado como sujeito, e Carla, objeto.

Na sentença (1c), há um objeto oracional que, segundo Quadros (1999), é uma sentença que apresenta apenas a ordem SVO como gramatical. Para ela, a topicalização do objeto, particularmente nessa sentença, não é uma possibilidade. Situação semelhante foi registrada na coleta dos nossos dados, porém, sem o ‘engessamento’ da ordem. Retomaremos essa discussão no capítulo referente à análise dos dados.

Diferentemente, as sentenças cujos verbos possuem concordância, segundo a autora, apresentam uma ordem mais flexível, sendo possível a topicalização do objeto:

(2)



<MARIA>

<JOÃO>

<AJUDAR>

A Maria, o João ajuda [ela].

Na sentença (2) acima, a ordem apresentada é (O) objeto (S) sujeito (V) verbo - OSV. Ao sinalizar MARIA, há um processo de topicalização, evidente na mudança de ordem e na

expressão não-manual de elevar das sobrancelhas, como pode ser observado no quadro 1 ‘*Maria*’. Importante lembrar aqui que, neste tipo de sentença, os verbos apresentam concordância. E se o verbo utilizado na sentença não apresentar concordância? Como o objeto pode ser topicalizado? Analisemos a sentença abaixo:

(3)



< MARIA >

< JOÃO >

< GOSTA >

A Maria, o João gosta dela.

Para Quadros & Karnopp (2004), se o objeto é topicalizado e há uma marcação não-manual - cf o primeiro quadro – independentemente do verbo apresentar concordância (ou não), caracteriza-se a sentença em gramatical.

Outro ponto que merece destaque é a construção do foco, que apresenta constituintes duplicados, para Petronio e Lillo-Martin (1997) as “construções duplas”. Para Quadros & Karnopp (2004), o foco é gerado com entonação mais marcada, o que a autora denomina ‘*focalização*’, cujo elemento duplicado ocupa a posição final, como no exemplo:

(4)



< JOÃO >

< (GOSTAR) >

< FUTEBOL >

< GOSTAR >

João gosta de futebol, gosta.

Aspecto que também será observado na análise dos dados. Outra possibilidade de ordem é a VOS que, segundo Quadros & Karnopp (2004) ocorre em contextos de foco contrastivo:

(5)



<QUEM>

<COMPRAR>

<CARRO>

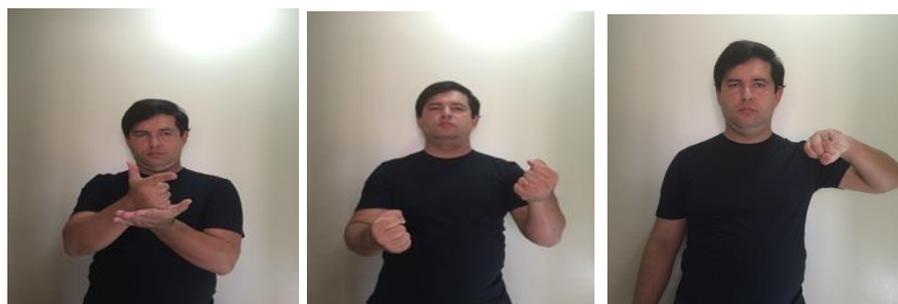


<JOÃO>

OU

<MARIA>?

Quem comprar o carro João ou Maria?



<COMPRAR>

<CARRO>

<JOÃO>.

Comprar carro João – João é o foco

Em síntese, Libras teria uma ordem básica SVO e outras derivadas; também é possível perceber a importância do verbo para o estabelecimento da ordem, que se altera a depender se o verbo apresenta concordância ou não.

Nos próximos dois tópicos, apresentaremos os chamados verbos com concordância para uma melhor compreensão dos fenômenos que foram apresentados até aqui.

2.3. Tipos de Verbos em Libras

Ferreira-Brito (1995) dividiu os verbos em duas categorias: direcionais e não-direcionais. Crato (2010) afirma que os verbos direcionais são caracterizados por manifestar as flexões para pessoa e número e apresentar um movimento no qual o ponto de partida é o sujeito e o ponto final o objeto do enunciado ou vice-versa. Segundo Ferreira-Brito (1995), esta presença⁷ do sujeito e do objeto no verbo equivaleria às flexões verbais da Língua Portuguesa. Diferentemente, os verbos não direcionais não apresentam essa marcação em que o ponto de partida é o sujeito, e o ponto final é o objeto.

Para Quadros (1999), os verbos flexionados, também chamados de verbos com concordância, utilizam os planos espaciais e pontos de articulação, considerados morfemas. Quadros e Karnopp (2004) dividem os verbos da Libras em duas classes: verbos com concordância e verbos sem concordância

2.3.1. Verbos sem concordância

Os verbos sem concordância, ou verbos simples, são aqueles que não apresentam nenhuma marca de concordância e são também conhecidos, na literatura, como verbos não-direcionais.(6)

⁷ Encontra-se muito, na literatura sobre Libras, o termo “incorporação” usado de maneira genérica. Nesta dissertação, vamos evitar usar esse termo em nossas análises por entendermos que ele é inadequado para expressar os fenômenos linguísticos comumente associados a ele. Porém, ao citarmos as ideias de outros autores, manteremos o termo. Esse termo, por exemplo, é bastante usado no contexto em que o sujeito e o objeto fariam parte do próprio verbo, sendo considerados incorporados ao verbo.

a.



<MARIA>



<GOSTAR>



<JOSÉ>

A Maria gosta do José

b.



<CARLOS>



<COMER>



<CARNE>



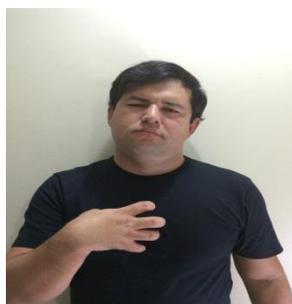
<TODO^DIA>

Carlos come carne todos os dias.

c.



<VOVÔ>



<SENTIR>



<TRISTE>

O vovô se sente triste.

Crato (2010) divide os verbos simples (sem concordância ou não-direcionais) em três tipos:

- a) Ancorados no corpo – são verbos nos quais os sinais são feitos em contato com ou muito próximos ao corpo. Nesses verbos, em virtude da não flexibilidade do verbo e de ser próximo ao corpo, não há forma de marcar o sujeito e o verbo a não ser pelo sistema pronominal, ou seja, não há incorporação de indicadores, é necessário apresentar sujeito e objeto. Como no exemplo:

(7) a.



<ELE>

<AMAR>

<ELA>

Ele ama ela.

- b) Incorporam o objeto – nesta categoria ocorre a articulação simultânea do verbo e do objeto, ou seja, um único sinal traz informações a respeito do verbo e do objeto a que a ação se refere. É preciso destacar que os verbos possuem um sinal específico, porém mudam um dos parâmetros de constituição do sinal em virtude da especificidade do objeto incorporado, como pode ser observado em COMER-MAÇÃ:

(08)



<EU>



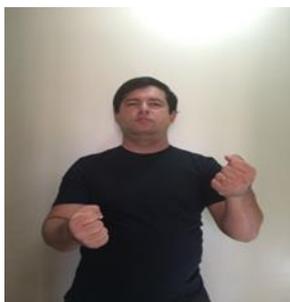
<COMER-MAÇÃ>

Eu como maçã.

* necessário destacar que o sinal de maçã sofre uma mudança devido à incorporação do objeto.

c) Apresenta flexão com o sujeito ou com o objeto – os verbos não possuem um movimento linear e concordam com o sujeito ou com o objeto da oração.

(09) a.



<CARRO>



<IR>

O carro está passando.

b.



<COPO-CAIR>

O copo caiu.

2.3.2. Verbos com concordância

O segundo grupo de verbos são os direcionais, aqueles que apresentam concordância. Quadros & Karnopp (2004) destacam que os verbos se flexionam em pessoa, número e aspecto, por meio da orientação das mãos, que indica o ponto de partida e o ponto de chegada do verbo.

(10) a.



<(EU) RESPONDER (VOCÊ).>

Eu respondi para você.

Alguns verbos incorporam somente o objeto. Outra classificação sobre os verbos com concordância é a apresentada por Souza (2014). Para o autor, a concordância pode ser dividida em três subgrupos:

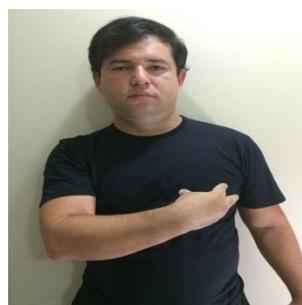
(11) a.



< MARIA >



< ABANDONAR >



< FILHO >

Maria abandonou o filho.

Para Lillo-Martin e Meier (2011), esse fenômeno é denominado primazia do objeto, em que a concordância com o objeto é sempre obrigatória, enquanto a concordância com o sujeito é opcional, podendo ser omitida.

Souza (2014) apresenta também os verbos com concordância dupla regular, que apresentam dois argumentos em uma sentença.

Outros verbos são apresentados pela literatura marcando (incorporando) sujeito e objeto:

(12) a.



<MARIA>



<AVISAR>



<JOÃO>

Maria avisou João.

E uma última classificação denominada por Quadros & Karnopp (2004) de *backward verbs*, em que iniciam a trajetória do sinal na posição do objeto e concluem na posição de sujeito, ao contrário dos demais verbos que começam a trajetória na posição de sujeito e vão em direção à posição do objeto (QUADROS & KARNOPP 2004, p. 203).

13) a.



< MARIA >



< CONVIDOU >



< JOÃO >.

Maria convidou o João.

2.4. Pessoa (referência)

Quadros, Pizzio e Rezende (2009, pag. 34) afirmam que a flexão é utilizada para marcar as referências pessoais nos verbos com concordância. O referente é realizado por meio da apontação para diferentes locais no espaço, estabelecidos para identificá-los, quando estes não estão presentes no discurso. No caso de referentes presentes, a apontação é direcionada para a posição real do referente. Se isso é ou não efetivamente um caso de flexão não será aqui discutido por nós.

Segundo Castro (2010), essa apontação não ocorre de forma caótica. A primeira distinção refere-se à pessoa do discurso. A autora apresenta uma distinção entre 1ª pessoa e não-1ª pessoa: ao se fazer referência à 1ª pessoa, aponta-se diretamente para o peito do sinalizador. Para referência a outras pessoas do discurso, há uma associação com um ponto distinto do espaço. O ponto será estabelecido de acordo com o referente. E este ponto pode ser estabelecido de forma diferenciada se o referente estiver presente ou ausente no momento da enunciação. Se o referente estiver presente, aponta-se diretamente para o local, ou seja para sua posição real.

No caso da 2ª pessoa, ela é identificada imediatamente à frente do falante. Para Berenz (2002) *apud* Souza (2014) essa regularidade constatada de sempre a segunda pessoa estar à frente do falante levou alguns autores a discutirem se as línguas de sinais fazem ou não distinção entre 1ª pessoa, 2ª pessoa e 3ª pessoa. Porém, os estudos ainda são novos e não iremos detalhar nesta pesquisa.

A 3ª pessoa é marcada ao se fazer referência à localização real do referente, se este estiver presente na discussão, ou ainda, ao se atribuir um ponto abstrato específico no espaço de sinalização. Para Meir (2002): “(...) devido a modalidade visual, cada nominal do discurso pode receber uma localização distinta e, portanto, cada localização contém informações suficientes para identificar unicamente seu referente”.

Para se determinar a pessoa, em todos os casos, a configuração usada é a mão em G. Na primeira pessoa, o dedo indicador aponta para o peito do locutor e, na segunda pessoa, o indicador aponta para o interlocutor. Pontos no espaço estabelecidos durante o discurso representam as terceiras pessoas. Uma das formas de expressar o plural é por meio do movimento semicircular para a segunda pessoa e do movimento circular para a primeira pessoa.

2.5. Tempo/Modo/Aspecto

Para Ferreira-Brito (2010), o tempo é expresso através de locativos temporais relacionando-se entre si dentro do espaço, como os sinais HOJE e/ou AGORA. O plano vertical em frente ao corpo do locutor representa o presente, já o futuro é indicado por um movimento curto que se direciona para frente do locutor e representa o sinal AMANHÃ. O passado é indicado por um movimento sobre o ombro até atingir o espaço imediatamente anterior ao ouvido, como ONTEM, e já o passado distante é obtido por um movimento amplo que se estende além das costas como o sinal HÁ MUITO TEMPO.



<HOJE>/<AGORA>



<AMANHÃ>



<HÁ MUITO TEMPO>

As realizações desses sinais podem ser descritas como se estivessem se valendo de linhas temporais imaginárias situadas no espaço de sinalização: futuro bem à frente do tronco, passado atrás e presente próximo.

Na Libras, como não parece haver flexão gramatical para tempo, a noção de temporalidade pode ser explicada por essa composicionalidade do sistema de referência temporal e aspectual. Ou seja, há marcas específicas que estabelecem relações dêiticas com o momento de fala e expressam os tempos futuro, passado ou presente. Porém, quando essas marcas não são empregadas, é possível ter leitura de presente ou passado dada pela interação entre tempo e aspecto, isto é, pela lexicalidade do verbo e seus argumentos, é possível interpretar sentenças como estando no presente quando a lexicalidade dos verbos e de seus complementos não estiver denotando um evento pontual, cujo tempo de referência pode ser interpretado como um todo ocorrido antes do momento de fala, pois, nesse caso, o tempo que se coloca é de passado.

CAPÍTULO 3 – METODOLOGIA

3. Introdução

Utilizamos, inicialmente, a coleta de dados em vídeos livres na internet para registrar o sujeito surdo sinalizando de forma espontânea. Esses dados foram retirados de *sites* de relacionamento e de vídeos no *youtube*.

Outra forma de levantamento de dados se deu com o registro de dados elicitados. Convidamos colaboradores surdos para sinalizar, em Libras, enunciados diversos, previamente formulados por nós em português, que incluíam sentenças na voz ativa (com e sem topicalização do objeto) e na voz passiva, com a finalidade de observar se o sujeito surdo compreende tais sentenças em português e faz a distinção entre as formas ativa e passiva também em Libras. O corpo de colaboradores incluiu surdos, com idade superior a 18 anos, falantes de Libras. Tivemos o cuidado de convidar surdos não oralizados, para evitar a possível interferência do Português durante a coleta de dados em Libras. Mas esses surdos, no mínimo, sabiam ler em Português.

Dos cinco surdos participantes da pesquisa, três nasceram em Brasília e dois não, apesar de morarem aqui há mais de dez anos. Todos são atuantes na Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (FENEIS)⁸. Convidamos surdos que utilizam a Libras como forma exclusiva de comunicação. Foram homens e mulheres para que pudéssemos observar se a questão do gênero apresenta-se relevante à pesquisa.

Essa coleta ocorreu após a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) dos colaboradores (cf. modelo do TCLE no apêndice B), além do preenchimento de um questionário, contendo algumas questões pertinentes à pesquisa (cf. apêndice A) para conhecer a trajetória linguística dos colaboradores e compreender o processo de aquisição da Libras.

Stumpf (2008) defende o uso da escrita de língua de sinais como ferramenta de comunicação, por sua natureza permitir construir modelos teóricos a partir do real e expressar a coerência desse modelo, inventando as relações entre os elementos, possibilitando elaborar um

⁸ A FENEIS é uma entidade filantrópica que tem por objetivo a defesa e a luta dos direitos da comunidade surda brasileira. Seu grande propósito é divulgar a Libras. O autor desta dissertação é, neste momento, o diretor geral do escritório da FENEIS em Brasília (são 6 escritórios em diferentes estados do Brasil).

ponto de vista sobre o mundo, passando do conjuntural expresso pela língua de sinais para o estruturado, expresso pelo texto. Assim, a escrita de sinais também foi utilizada no registro de alguns de nossos dados. Os dados foram gravados em áudio e vídeo e editados na ferramenta ELAN, *software* muito utilizado em pesquisas de línguas de sinais por permitir criar, editar, visualizar e procurar anotações a partir de áudio e imagens. Este capítulo tem 3 seções. Na seção 3.1, apresentamos as fontes da coleta de dados; na seção 3.2, apresentamos exemplos em Libras através da escrita de sinais e também do Português; na seção 3.3, fazemos uma apresentação do *software* ELAN.

3.1 Fontes dos dados

Inicialmente, buscamos vídeos na internet (*Youtube* e de redes sociais, como *Facebook*) com relatos em Libras de surdos/as para analisarmos falantes de Libras em discurso natural. Os vídeos livres foram acessados e analisados durante o primeiro semestre de 2014.

Também gravamos, em áudio e vídeo, entrevistas estruturadas com cinco surdos residentes no Distrito Federal. Solicitamos a todos eles que fizessem a tradução para a Libras de 10 roteiros. Cada roteiro continha 4 orações em Português. A primeira oração estava na ordem SVO e na voz ativa, a segunda oração trazia o objeto da primeira topicalizado, a terceira oração era a correspondente na voz passiva da primeira, e a última oração era a terceira sem o agente da passiva expresso. Abaixo, apresentamos um deles a título de ilustração:

ROTEIRO 1

- A) O homem beijou a foto.
- B) A foto, o homem beijou.
- C) A foto foi beijada pelo homem.
- D) A foto foi beijada.

Para realizar as entrevistas, colocamos três filmadoras para captar as imagens: uma com foco no pesquisador, outra no entrevistado e a terceira com foco nos dois.

Como dissemos acima, antes de iniciar a entrevista cada colaborador assinou o TCLE que autoriza a divulgação das suas imagens para fins de pesquisa e inclusão na dissertação. O pesquisador explicava todo o processo da entrevista, passo a passo, para que não ocorressem equívocos na hora da gravação.⁹

A gravação com cada surdo durou, em média, 30 minutos. Todos os roteiros foram apresentados com tranquilidade e sem interferência do entrevistador. Da preparação das filmadoras até a retirada delas, cada sessão durava cerca de 1 hora.

No momento da gravação, os surdos entrevistados leram, individualmente, cada roteiro por nós preparado. Alguns não conseguiram compreender algumas sentenças, principalmente as que estavam na voz passiva, mas solicitávamos que apenas sinalizassem em Libras cada um dos enunciados. Nós não traduzimos em Libras o conteúdo dos roteiros. Alguns colaboradores disseram que as estruturas de algumas orações do roteiro eram compatíveis com a estrutura da Libras. Não houve diálogo sobre o roteiro, nem mesmo após realizada a filmagem. Alguns surdos entrevistados não apresentaram a chamada expressão não-manual de tópico, assunto introduzido no capítulo 2 e do qual falaremos mais no capítulo 5.

Após a gravação dos vídeos, o material foi analisado no Elan, editado no programa Adobe Premiere Elements 9 e, posteriormente, as imagens selecionadas foram repassadas para o programa Coreldraw, com o objetivo de formatar as imagens e colocá-las no Word. Registramos que esse é um trabalho bastante exaustivo.

3.2. Escrita de Sinais e Português

É importante ressaltar que o surdo não deve estar necessariamente restrito a uma única forma de comunicação. Uma educação bilíngue lhe permite compreender, ao menos, duas línguas que podem coexistir no mesmo ambiente de aprendizagem. Além disso,

⁹ O Comitê de Ética em Pesquisa foi procurado por este pesquisador, mas não conseguiu, até o momento, emitir parecer sobre esta pesquisa. Um erro gerado na página da Plataforma Brasil, local em que os projetos são detalhados antes da submissão, via internet, não registrou a instituição proponente – Universidade de Brasília – e a ausência desse registro implicava a não impressão da versão completa da página de rosto, necessária para submissão. Foram vários os contatos, via email, atendimento online, além de claro, a tentativa de inúmeras visitas ao Comitê de Ética do Instituto Humanas da UnB, sem sucesso, em virtude de reforma na sala, mudança de endereço e, por fim, greve dos servidores responsáveis pelo setor.

esta modalidade de educação não apenas define qual língua deve ser usada como primeira língua (L1) e qual deve ser usada como segunda língua (L2), como também indica as funções de cada uma delas no ambiente social do Surdo (QUADROS, 1997)

Nesta dissertação, alguns exemplos da Libras são apresentados em Escrita de Sinais (doravante ES) a fim de que, dessa maneira, haja mais acesso ao que pesquisamos aqui. Os exemplos serão escritos com os códigos do sistema de Valerie Sutton, utilizando o aplicativo SW – Edit (<http://www.signwriting.org/>) para mostrar a melhor imagem na dissertação. Existe possibilidade de escrever em ES pelas mãos, mas não utilizaremos dessa forma, pois pode dificultar ao leitor e está fora do sistema padrão da escrita de sinais.

No caso do registro de Português escrito em nossos exemplos, usamos o modelo de escrita proposto por Felipe (2007, p. 24- 27), modelo este adotado por grande parte dos pesquisadores de Libras:

1. Os sinais da Libras, para efeito de simplificação, serão representados por itens lexicais da Língua Portuguesa (LP) em letras maiúsculas. Exemplos: CASA, ESTUDAR, FAMÍLIA;
2. Um sinal, que é traduzido por duas ou mais palavras em língua portuguesa, será representado pelas palavras correspondentes separadas por hífen. Exemplos: CORTAR-COM-FACA "cortar", QUERER-NÃO "não querer", MEIO-DIA "meio-dia", AINDA-NÃO "ainda não", etc.;
3. Um sinal composto, formado por dois ou mais sinais e que será representado por duas ou mais palavras, será separado pelo símbolo ^. Exemplos: CAVALO^LISTRA = “zebra”;
4. A datilologia (alfabeto manual), que é usada para expressar nome de pessoas, de localidades e outras palavras que não possuem um sinal, está representada na escrita pela palavra separada, letra por letra por hífen. Exemplos: J-O-Ã-O, A-N-E-S-T-E-S-I-A.

3.3. ELAN

Atualmente, um recurso metodológico que tem sido muito utilizado para a transcrição e análise das línguas de sinais é o ELAN (EUDICO- Anotador Linguístico). Usamos a versão

atualizada 4.6.1. O ELAN (EUDICO – Linguistic Annotator) é um software que pode ser baixado do *site* <http://www.lat-mpi.eu/tools/elan/>. Ele tem a função de registrar os recursos de áudio e também de vídeo com suas funções para criar, editar, visualizar e fazer anotações. Para usar o ELAN, é necessário que os vídeos sejam salvos como documentos *.mpg ou *.mov. Os vídeos também podem ser ampliados na tela a fim de facilitar a visualização detalhada. Eles podem ser rodados em diferentes velocidades com quadros localizados em várias opções.

O ELAN foi elaborado pelo Instituto de Psicolinguística Max Planck, Nijmegen, na Holanda, com o objetivo de facilitar as anotações de fala e/ou sinais associadas às gravações em vídeo. Permite análise de línguas de sinais e de gestos, mas não se restringe apenas a esses grupos, podendo ser utilizado por todos que manipulam em seus trabalhos dados gravados em mídias (vídeo e/ou áudio), para fins de documentação. Ele permite a criação de trilhas, que se organizam hierarquicamente, podendo depender umas das outras de acordo com o modelo de transcrição adotado (ANATER, 2009).

Leite (2008, p. 141) elenca alguns fatores para justificar o uso do software:

- i) a compatibilidade com PCs,
- ii) a sua distribuição gratuita na internet;
- iii) a sua crescente utilização em pesquisas com diversas línguas no mundo;
- iv) o fato de ter sido projetado para viabilizar uma transcrição mais eficiente das LSs;
- v) as atualizações contínuas e a abertura dos desenvolvedores do programa a sugestões e dúvidas dos usuários; e
- vi) funcionalidades específicas tal como a sincronização do vídeo com as transcrições, um complexo sistema de buscas, e a capacidade de operar com até quatro câmeras simultaneamente.

Tal ferramenta é, atualmente, a mais adequada para a pesquisa da língua de sinais, visto que permite a análise de muitas variáveis de uma vez, bem como a catalogação da ocorrência dessas variáveis. Para Quadros & Pizzio (2007, p. 66),

Através deste sistema, o pesquisador pode visualizar diversos blocos de informação simultaneamente (como os vídeos, as glosas, as traduções das glosas, as marcas não-manuais, os sons associados aos sinais, o contexto, os comentários, entre outros). No

momento em que o pesquisador se fixa em um ponto determinado da transcrição, imediatamente os outros blocos de informação aparecem.

CAPÍTULO 4 – VALÊNCIA VERBAL

4. Introdução

Nossa pesquisa ocupa-se dos meios linguísticos de expressão e descarta a preocupação exclusiva com a pura competência para a organização gramatical das frases. Pensamos a linguagem como algo dinâmico, em que os componentes linguísticos são analisados na interação verbal. Por isso, nosso quadro teórico básico é o funcionalismo, especificamente o funcionalismo-tipológico. A Escola Linguística de Praga teve um papel importantíssimo nos estudos funcionalistas, foi lá o grande marco em que um grupo de estudiosos iniciou os trabalhos, em 1926. Um nome que merece destaque é o de Mathesius. Ela contou com a participação de pesquisadores tchecos e a colaboração de alguns estrangeiros, como o alemão Karl Bühler e os franceses Tesnière, Benveniste, Vendryès e Martinet.

Segundo Neves (1997, p. 16), o funcionalismo se opõe ao estruturalismo ao reconhecer que a linguagem não é um fenômeno isolado; pelo contrário, serve a uma variedade de propósitos, dos quais “efetuar a comunicação” não é o último.

Gomes (2006, p.13) acrescenta:

Eles [os funcionalistas] buscam explicações nas funções e nos processos diacrônicos recorrentes, os quais são em grande parte dirigidos por funções. Vêem a língua como uma ferramenta, ou melhor, um conjunto de ferramentas, cujas formas são adaptadas a suas funções (DeLancey, 2000).

O funcionalismo valoriza competências comunicativas, preocupando-se não somente em codificar e decodificar expressões, mas também em entender essas expressões de maneira interacionalmente satisfatória. (NEVES, 1997). De acordo com Cunha (2011, p. 158):

A linguagem não constitui um conhecimento específico, mas um conjunto complexo de atividades comunicativas, sociais e cognitivas integradas ao resto da psicologia humana. Assim, a visão funcionalista de cognição assume que a linguagem reflete processos gerais de pensamento que os indivíduos elaboram ao criarem significados, adaptando-os a diferentes situações de interação com outros indivíduos. Ou seja, os conceitos humanos associam-se à época, à cultura e até mesmo a inclinações individuais caracterizadas no uso da linguagem.

O presente trabalho propõe analisar as construções passivas na Libras (ou a ausência delas) com um olhar funcional-tipológico. Este capítulo traz a exposição dos principais construtos teóricos por nós utilizados nesta pesquisa. Ele está composto de 3 seções. Na seção 4.1, definimos voz e valência; na seção 4.2, apresentamos os tipos de redução de valência; e na seção 4.3, discutimos a voz passiva: conceito, funções, exemplos.

4.1. Valência

4.1.1. Definição

A ideia do verbo como elemento central na organização da sentença fundamenta a teoria de valência. Borba (1996) a define como o conjunto de relações estabelecidas entre o verbo e seus argumentos ou constituintes indispensáveis.

O termo *valência* foi introduzido na Linguística pelo linguista francês Lucien Tesnière (1959). Originalmente, ele é usado na Química e denota a capacidade de um elemento se ligar a outros elementos químicos. De modo semelhante, em Linguística o termo se refere ao número de argumentos que podem se combinar com o verbo. (WALHEY, 1997, p. 183) (tradução nossa)¹⁰

Segundo Tesnière (1959), o princípio de centralidade do verbo justifica-se na medida em que é o verbo que determina a estrutura base da oração, tanto no nível morfossintático, quanto semântico. Assim, atribuir ao verbo como elemento central a organização sentencial implica dizer que há uma regência por parte do verbo estabelecendo relações de dependência com seus regidos. Isso não quer dizer, contudo, que é a forma do verbo o elemento disparador do enunciado. Cada enunciado é pensado em termos semânticos e pragmáticos e só então é que os falantes escolhem as formas morfológicas e sintáticas que utilizará em seu discurso. Não há, para

¹⁰ The term valence was borrowed into linguistics by the French linguist Lucien Tesnière (1959). Originally, it was used in chemistry where it denote the capacity of an element to bond with other chemical elements. Similarly , in linguistics the term refers to the number of arguments that can combine with a verb. (WHALEY, 1997, p. 183)

o funcionalismo, autonomia da sintaxe frente às demandas de construção de sentido e/ou de manipulação discursivo-pragmática.

Payne (1997, p. 169-70) considera dois tipos de valência, a saber: a semântica e a sintática. Segundo o autor, a valência semântica diz respeito ao número de participantes que deve estar ‘no palco’, na cena expressa pelo verbo. Para o autor, o verbo *eat/comer* tem valência semântica dois, partindo do pressuposto de que haja ‘alguém que coma’ e ‘algo a ser comido’. Já a valência sintática refere-se ao número de argumentos presentes em qualquer oração. O mesmo verbo *eat/comer* pode apresentar uma valência sintática de um ou dois argumentos como na sentença ‘eu já comi hoje’ em que o único argumento é ‘a pessoa que come’, diferentemente da sentença ‘João comeu o feijão’, em que o ‘alguém que come’ e o ‘algo comido’ estão presentes. Torna-se possível afirmar que a valência semântica está relacionada ao número de participantes enquanto a valência sintática, ao número de argumentos. Importante aqui é ressaltar que o verbo “comer” intransitivizado em “Eu já comi hoje” tem seu sentido alterado, e é isso que ocorre geralmente com mudanças de valência: a estrutura da sentença se altera para acomodar novas necessidades funcionais. Para Borba (1996), a valência se refere ao número de argumentos necessários a preencherem as “casas vazias” do verbo – em português, a valência vai de zero a quatro. O verbo *dormir*, por exemplo, normalmente é utilizado com um único argumento, o sujeito, como em *O surdo dormiu*. Ele apresenta valência monovalente – o verbo seleciona apenas um argumento. Diferentemente, o verbo *perder* necessita do argumento I e do argumento II – valência bivalente: *Os alunos perderam a avaliação*. Já a valência trivalente sucede quando o verbo seleciona três argumentos, como o verbo *traduzir* em *A intérprete traduziu do Português para Libras*. Em contrapartida, alguns verbos não possuem argumentos, os aivalentes, sua valência é zero e, geralmente, são verbos que expressam fenômeno da natureza *Anoiteceu*.

4.1.2. Relações Gramaticais

Conforme Whaley (1997), as relações gramaticais, doravante (RG), têm repercussão na morfologia e, sobretudo, na sintaxe: sujeito, objeto direto e objeto indireto.

Facundes (2010, p.13) conceitua as RG como: “As descrições das línguas do mundo, em geral, atestam a existência de relações puramente sintáticas contraídas entre o SN e o predicado de uma oração. Essas relações sintáticas são as relações gramaticais (ou sintáticas)”. Para Whaley (1997, p. 70),

Uma razão decisiva para tomar sujeito, objeto direto e objeto indireto como a classe típica de relações gramaticais é que a concordância verbal é muitas vezes concebida para codificar estes e não quaisquer outros sintagmas nominais. (...) é possível dizer que, se uma língua apresenta concordância verbal com sintagmas nominais em uma oração, serão esses o que, normalmente, serão classificados de sujeito, objeto direto, objeto indireto, ou todos os três, mas com nenhum outro. (WHALEY 1997, p. 70) (Tradução nossa)¹¹.

Como as relações gramaticais se associam com papéis semânticos e pragmáticos? Em uma construção transitiva típica, prototipicamente o sujeito é agente e tópico, enquanto o objeto direto é paciente e foco. Nas passivas, ocorre uma quebra dessa prototipicidade: a RG de sujeito é ocupada pelo paciente, que passa a ser tópico. Ocorre mudança da posição sintática e pragmática do paciente somada a uma mudança derivacional no verbo na passiva e associada com a colocação do agente em função periférica (o agente da passiva é um tipo de adjunto). Existiria algo assim em Libras? Essa é nossa pergunta básica.

4.1.3 Papéis Semânticos

Os papéis semânticos correspondem a funções de sentido atribuídas a cada argumento verbal em cada enunciado. Papel semântico é a relação de significado que existe entre o verbo e os diversos argumentos que podem co-ocorrer com ele na oração.

Vejamos os enunciados abaixo:

1. João matou a barata.

¹¹ A final reason that subject, direct object, and indirect object have been taken as the universal class of grammatical relations is that verb agreement is often designed to encode these, and not any other, noun phrases. (...) it is sufficient to say that if a language exhibits verb agreement with any nominals in a clause, it will be with those nominals that are typically called subjects, direct objects, indirect objects, or all three, but with no others. (WHALEY 1997, p. 70)

2. O chinelo matou a barata.
3. O calor matou a barata.
4. A barata foi morta pelo calor.

Percebemos em 1, 2, 3 e 4 que *a barata* tem a mesma função semântica de ser o paciente de uma ação, porque sofreu a ação de um determinado agente sobre ela, mudando de estado/forma. Em 1, 2 e 3, a *barata* exerce a função sintática de objeto direto; e, em 4, de sujeito. Já João é o agente prototípico (tem volição, animacidade, controle da ação, inicia a ação e promove a mudança em um paciente). O calor e o chinelo, por sua vez, não têm a mesma função semântica de ser o agente da ação por não terem as propriedades semânticas básicas de agente: calor é força, e chinelo é instrumento. Mesmo assim, ocupam a RG de sujeito. Isso demonstra que não existe necessário isomorfismo entre relações gramaticais e papéis semânticos. Nas sentenças 1, 2 e 3, o paciente é objeto direto. Diferentemente, na sentença 4 é sujeito. A dependência nas relações de sentido entre verbos e argumentos é responsável em atribuir-lhes funções, um papel para cada argumento.¹² A noção de papel semântico foi incorporada em várias teorias gramaticais, assim se criaram variadas listas com as noções semânticas. Cançado (2013) afirma que autores como Fillmore (1968, 1971), Chafe (1970), Halliday (1966, 1967), Gruber (1976), Jackendoff (1972), entre outros, propõem uma extensa lista para a classificação dos diferentes tipos de papéis temáticos.

4.1.4. Papéis Pragmáticos

Desde a Escola Linguística de Praga, o discurso passou a ocupar um papel de destaque na gramática de uma língua. “Defende-se, portanto, uma forte vinculação entre gramática e discurso, numa tentativa de explicar a forma da língua a partir das funções que ela desempenha na comunicação” (CUNHA, 2007, p.18).

¹² Cançado (2013, p. 2) afirma que existem diversas denominações para essas relações semânticas na literatura: papéis participantes (Allan, 1986), casos semânticos profundos (Fillmore, 1968), papéis semânticos (Givón, 1990), relações temáticas (Gruber, 1976; e Jackendoff, 1972) e papéis temáticos (Dowty, 1989, 1991 e Jackendoff, 1983, 1990)

Para Silva (2012), a pragmática se preocupa com a comunicação efetiva, ou seja, trata da língua na sua relação com os usuários, da adaptação das expressões às situações em que são enunciadas.

De acordo com Neves (1997, p. 95), “funções pragmáticas são funções que especificam o estatuto informacional dos constituintes em relação à situação comunicativa em que eles são usados”. De um modo geral, os interlocutores associam informações novas a um certo sintagma nominal e informações velhas/compartilhadas/conhecidas a outro sintagma nominal velho. Nesse caso, a informação velha é chamada de tópico, e a informação nova, de foco.

A informação velha ou dada (o tópico) é, segundo Chafe (1976), o conhecimento que o falante assume estar na consciência do ouvinte no momento da enunciação. Já a informação nova (o foco) é a informação que o falante acredita estar introduzindo na consciência do ouvinte pela primeira vez.

Pensando nas mais diversas expressões linguísticas, sabemos que durante o processo comunicativo um falante-emissor revela informações velhas (o dado) e informações novas (o novo), porém o falante, ao julgar que o destinatário já possuía conhecimentos prévios implícitos, quando na verdade ele não os tinha, evidencia inferências no processo comunicativo. As noções de tópico e de foco correspondem ao *dado* e ao *novo*, respectivamente. Assim, o tópico caracteriza as coisas de que falamos, enquanto o foco caracteriza as partes mais importantes do que dizemos em relação ao tópico. Buscamos aprofundar um pouco mais esse assunto na próxima seção.

4.1.4.1 Tópico e Foco

Pezatti (1998) afirma que o conceito de tópico, apesar de ser objeto de estudo de muitos pesquisadores, é um dos mais controversos na literatura linguística. Pensar num conceito único, ainda que por um viés específico, não é uma tarefa fácil, talvez pela existência dos vários funcionalismos, como lembra Neves (1990), o que implica abordagens diferenciadas. Com o objetivo de ilustrar isso, vejamos algumas definições de tópico.

Para Dubois (1993, p. 590), tópico é o mesmo que tema. Numa frase assertiva, chama-se tema o constituinte imediato (sintagma nominal) a respeito do qual se diz alguma coisa

(predicado): o tema pode ser ou não sujeito da frase. Por exemplo: o livro e Pedro são temas das frases seguintes: “O livro está na mesa” e “Foi Pedro que eu vi ontem”.

Dik (1997) apresenta topicalidade e focalidade como as coisas sobre as quais nós falamos e as partes mais importantes ou salientes do que nós dizemos.

Já para Crystal (2000, p. 255), o tópico é o

Termo usado na SEMÂNTICA e na GRAMÁTICA como parte de uma caracterização binária da ESTRUTURA DA SENTENÇA, alternativa à caracterização tradicional SUJEITO-PREDICADO; o oposto de tópico é COMENTÁRIO. O tópico de uma sentença é a pessoa ou coisa sobre a qual se fala algo, enquanto que o que se falou a respeito desta pessoa ou coisa é o comentário. A utilidade da distinção é permitir afirmações gerais sobre as relações entre as sentenças que não ficam claras com a distinção sujeito/predicado (ou outros contrastes do mesmo tipo). O tópico freqüentemente coincide com o sujeito da sentença (ex.: Um homem / está se aproximando de casa), mas não necessariamente (Lá está o homem / que me ajudou) e, mesmo quando é um sujeito, não precisa vir em primeiro lugar na sentença (ex.: José Silva meu nome é). Às vezes, é chamado de “sujeito psicológico”.

Conforme Chafe, Li e Thompson (1976 *apud* PONTES, 1987, p. 13), “o que caracteriza o tópico nas línguas é ele estabelecer um quadro de referência para o que vai ser dito a seguir”.

Segundo a classificação de Chafe (1976 *apud* SILVA 2012, p. 159), existem diferentes tipos de tópicos, porém o verdadeiro tópico é aquele que visa estabelecer um esquema espacial, temporal ou individual dentro do qual a predicação principal se mantém, de modo a limitar-lhe a aplicabilidade a um domínio restrito, como demonstra a sentença *Filme, eu gosto mais de comédia*. Assim, é possível afirmar que a escolha do tópico pode ser condicionada, basicamente, por dois fatores:

- 1) O contexto – em que os elementos já apresentados são utilizados mais naturalmente como tópico que os elementos novos. É o que temos no segundo enunciado na palavra *o texto* :
 - a) – *Quem traduziu o texto?* b) – *O texto* *foi traduzido pelos intérpretes de Libras;*
- 2) As propriedades de topicalidade que possuem intrinsecamente os nomes, ou que decorrem do papel semântico na frase. Infere-se que os humanos (traço intrínseco), ou os agentes se utilizam mais naturalmente como tópicos que os não-humanos e os pacientes: a) *O João* *lançou um novo livro* e não necessariamente b) *Um novo livro, João lançou* ou c) *Um novo livro foi lançado por João*. Claramente, *um novo livro* é topicalizado em b) e c). Que

razões pragmáticas estariam aí envolvidas? Libras promove esses dois tipos de topicalização? De que forma? Tentaremos responder a essas perguntas no capítulo 5.

É possível afirmar que o tópico funciona como o ponto de partida da enunciação, aquilo a partir de que o enunciador desenvolve um comentário. “Uma fatia de informação mais importante é colocada na frente” (GIVON, 2001 *apud* NARO, 2008 p. 171).

Já ao processo para identificar explicitamente um tópico, dá-se o nome de topicalização, que varia de língua para língua. Condiciona-se a escolha de um tópico a decisão do enunciador. Apesar do tópico não ser obrigatoriamente uma pessoa, coisa ou fato conhecido ou já mencionado, nomes próprios são candidatos fortes a tópico, dado o fato de remeterem, via de regra, a referentes conhecidos tanto pelo emissor quanto pelo receptor.

É possível também expressar como tópico pacientes (e não-humanos); para tanto, as línguas utilizam estratégias morfossintáticas específicas e geralmente marcadas como em: *Um novo livro* foi lançado por Guimarães Rosa.

A construção passiva descrita no exemplo anterior é um exemplo de estratégia da língua para expressar como tópico um paciente. Na próxima seção, falaremos desse assunto.

Sobre o conceito de foco, Pezzati (2008) defende que o constituinte que veicula a informação a ser ressaltada denomina-se *foco*. De acordo com Pezzati (1998), o conceito de foco na literatura parece apresentar-se de modo ambíguo: às vezes, foco refere-se a informações novas, segundo Dik (1980). Outras vezes, é o comentário (TARALLO & KATO, 1989), opondo-se, nesse caso, a tópico. Optamos por definir foco como o elemento da frase apresentado como particularmente carregado de um valor informativo/contrastivo, como pode ser observado em *João, você acompanha os intérpretes?*

No foco, a informação relevante e/ou nova surge seja através do realce prosódico, seja pela ordem dos constituintes, estratégias utilizadas pelo português e que varia de língua para língua.

4.1.4.2. Topicalização do Paciente

Acima, vimos os conceitos de tópico e foco enquanto funções pragmáticas e observamos a topicalização como uma operação linguística que consiste em fazer de um constituinte da frase ‘o tópico’. Agora vejamos as diversas possibilidades formais para topicalizar um paciente em um dado discurso, de acordo com a intenção do falante. Analisemos os seguintes exemplos, que são respostas possíveis à seguinte pergunta feita por uma mãe para seu filho ao chegar em casa e achar o seu vaso preferido em pedaços no chão da sala: *O que houve com o vaso?*

- 1) Eu quebrei o vaso.
- 2) O vaso, eu quebrei ele.
- 3) O vaso, eu quebrei.
- 4) O vaso foi quebrado por mim.
- 5) O vaso foi quebrado.
- 6) O vaso se quebrou.
- 7) O vaso quebrou.

É possível perceber claramente as relações entre gramática e discurso quando comparamos os extremos 1 e 7 acima e todas as demais gradações de topicalização do paciente associadas claramente a um rebaixamento do agente e até ao seu total apagamento em 6 e 7 (em 5, mesmo não estando presente, o agente fica implícito e sua existência pode ser inferida). Essas estratégias para topicalizar o paciente, chegando até o apagamento completo do agente, são muito comuns em línguas orais. Como isso se daria em Libras? Esse é o tema do capítulo 5.

4.1.4.3. Rebaixamento do Agente

Como exposto anteriormente, as línguas se utilizam das mais diversas estratégias discursivas. Uma manchete de jornal, por exemplo, se apresenta com maior destaque (imagens,

tipo de fonte, ou mesmo a construção textual) dada a relevância da notícia a ela vinculada, tornando a manchete quase uma propaganda da publicação. Se o objetivo da manchete é evidenciar o paciente, construir enunciados na voz passiva passa a ser uma excelente estratégia.

Falar em topicalização do paciente, colocando-o em um primeiro plano, implica necessariamente falar no rebaixamento (e até no apagamento) do agente. Givón (1979), em estudos sobre diversos tipos de passivização em línguas variadas, propõe como função principal da construção passiva analítica, a promoção de um não-agente a tópico; Keenan (1985) evidencia como função básica das passivas o rebaixamento do Agente; e Shibatani (1985) apresenta a passiva como uma “de-tematização”, que significa deslocar o agente da posição de tema para uma posição considerada mais “periférica” e, segundo o autor, “apagar” ou mesmo omitir o agente. Halliday (1985) também apresenta, como uma das principais funções da voz passiva, o apagamento do agente. E nas línguas de sinais? As razões que motivam o uso dessas construções em línguas orais também são observadas nas línguas de sinais? Esses são alguns questionamentos também abordados na análise dos dados.

4.2. Tipos de Redução de Valência

Existem diversas possibilidades linguísticas de expressar nossas vontades, desejos e pensamentos. Na construção de um enunciado, por exemplo, nos utilizamos de metáforas e metonímias, de acordo com nossas intenções, enquanto falantes. Essas estratégias específicas que a língua apresenta para aumentar ou diminuir o número de participantes ocorrem na relação entre alterações na valência sintática e efeitos semântico-pragmáticos. Hopper & Thompson (1980) intitulam como “ajustes na transitividade” essa alternativa de aumento, redução e rearranjo de valência.

Um estudo tipológico das operações de ajuste de valência evidencia algumas estratégias para essa redução, são elas:

- 1) Fusão do controlador com o afetado (reflexivas, recíprocas, médias);
- 2) Rebaixamento de um controlador (omissão de sujeito, passivas e inversas);

- 3) Rebaixamento de um afetado (omissão de objeto, antipassivas, demissão de objeto e incorporação de objeto).

4.3. Voz Passiva: conceito, funções, exemplos

As construções passivas são objeto de estudo de muitos pesquisadores em todo o mundo. Givón (1979), por exemplo, analisa tais construções em línguas como o hebraico, o espanhol e algumas línguas africanas.

No período da escola, me recordo de sentir uma necessidade em encontrar algo que definisse a voz passiva de modo claro e objetivo. Durante muitos anos de escolarização, ao perguntar ao professor o que era voz passiva, ouvia respostas como: “Vou mostrar um exemplo: João quebrou o copo / O copo foi quebrado por João. Na segunda sentença, temos uma passiva.”

A compreensão do exemplo pode ser clara para um ouvinte acostumado com a língua portuguesa desde seu nascimento, mas para um surdo não é. Citar outros exemplos de voz ativa e passiva também parecia fácil, porém ainda não sabia qual a definição. No curso da graduação, Letras Libras, durante as aulas de gramática, lá estava a voz passiva novamente, sempre “atrelada” à ativa e, mais uma vez, sem definição. Identificar enunciados, transformar sentenças ativas em passivas era tarefa fácil (ou melhor, mecanicamente fácil), mas responder em qual contexto a construção passiva em detrimento da construção ativa é preterida é outra história. Então quando usar a voz passiva? Pergunta que durante muitos anos eu não saberia responder. Durante uma aula na pós-graduação, explicações sobre agente/paciente, enunciados prototípicos, escala de agentividade e, mais uma vez, lá estava a voz passiva. Diferentemente do Ensino Fundamental e Médio, compreender que essas construções geralmente não são proferidas apenas me fez perceber que é evidente a distância entre essa construção verbal e o dia-a-dia linguístico.

Hoje, podemos definir a voz passiva como uma estratégia morfológica e sintática para:

- i) aumentar a topicalidade de um paciente, colocando-o na posição sintática de sujeito; e
- ii) necessariamente, diminuir a importância do agente, colocando-o na periferia da frase

CAPÍTULO 5 – PASSIVA EM LIBRAS OU TOPICALIZAÇÃO?

5. Introdução

Para averiguarmos a validade ou não de nossas hipóteses, neste capítulo analisaremos os dados coletados para esta pesquisa. O capítulo foi dividido em 2 seções. Na seção 5.1, apresentamos os dados, observando se as construções revelam uma passiva em Libras e algumas estratégias utilizadas na língua como recurso ao que poderia ser análogo à passivização. E, na seção 5.2, fazemos uma proposta do que traduzimos por “*meta-análise*”, em que apresentamos uma análise da análise.

5.1. Os dados revelam a Passiva em Libras? Quais as estratégias utilizadas nessa língua como recurso ao que poderia ser análogo à passivização?

Os dados de nossa pesquisa são oriundos de duas fontes: i) os vídeos com as filmagens dos colaboradores surdos, registrados por nós pesquisadores; e ii) vídeos livres encontrados em redes sociais.

5.1.1. Os roteiros

Como já mencionamos no capítulo referente à metodologia, o estudo foi organizado em torno de 10 roteiros. Por ser uma língua visuoespacial, tivemos de adequar as gravações ao programa ELAN, e uma das dificuldades encontradas foi a forma de visualizar o processo de transcrição. Optamos por registrar quadros, *frame a frame*.

Como já dito também na metodologia, colocamos, em cada roteiro, 4 enunciados para cada um dos cinco colaboradores. Cada colaborador, em momentos distintos de pesquisa e sem ter tido contato com os outros colaboradores, via o mesmo conjunto de dados e se pronunciava sobre ele.

Como não houve tempo suficiente, vamos aqui mostrar os resultados de um dos roteiros. Ele é composto pelos seguintes enunciados:

- a) O homem beijou a foto.
- b) A foto, o homem beijou.

- c) A foto foi beijada pelo homem.
- d) A foto foi beijada.

Vejamos como cada um dos 5 colaboradores reagiu em Libras a esses enunciados.

Iniciamos pedindo ao colaborador “M” que fizesse a leitura do primeiro enunciado em português – **a) O homem beijou a foto** – para depois traduzi-lo para Libras:

1)



FOTO-ROSTO



MÃO-FOTO



BEIJAR-MÃO-FOTO

Como resultado, tivemos literalmente: “A foto, ela (a foto) a pessoa beijou.” Partindo do pressuposto de que a ordem típica de constituintes em Libras é SVO (cf. seção 2.2), ao iniciar a sentença pelo paciente, entendemos que isso foi um tipo de topicalização. Pensamos que, provavelmente, foi esse um recurso utilizado pelo colaborador que considerou *a foto* um argumento merecedor de destaque. Após o sinal para *foto*, é realizado um sinal de apontação (conforme o segundo quadro) para anunciar que ela (a foto), uma pessoa beijou. Em Libras é muito comum o uso dessa referência anafórica. Percebemos que não foi utilizado um sinal para marcar o agente (homem), porque o sinalizante opta por representar ele próprio o homem do enunciado. É sabido que o agente é uma pessoa, pela escolha lexical marcada na configuração de mão no momento de sinalizar o verbo “beijar”; porém, não existe um sinal para indicar se essa pessoa é um homem ou uma mulher.

Diferentemente, o colaborador “R” traduziu para Libras o enunciado *O homem beijou a foto*:

2)



HOMEM



FOTO-MAQUINA



HOMEM



BEIJAR-RETRATO

“O homem, a foto, o homem beijou a foto.”

Manteve-se o sujeito agente na mesma ordem apresentada em português escrito e típica na Libras também, mas houve uma inversão do verbo e do objeto: SOV. Ele inicia a sentença apresentando os argumentos *homem* e *foto*; na sequência, menciona novamente o agente homem e, ao sinalizar o verbo “beijar”, marca mais uma vez o agente na configuração de mão. Em consonância com o colaborador “M”, o colaborador “R” parece fazer uma composição entre verbo e objeto, em um único sinal trazendo informações sobre ambos. Para Crato (2000), estariam assumindo articulação simultânea.

Já os próximos colaboradores, “A” e “C”, traduziram o enunciado *O homem beijou a foto* de forma bastante semelhante:

3)



HOMEM



BEIJO



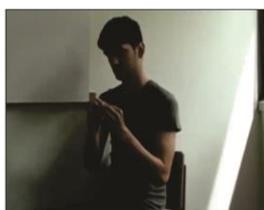
MAQUINA-FOTO

“O homem beijou a foto.”

4)



HOMEM



BEIJAR - 2 MÃOS



FOTO-MÁQUINA

“O homem beijou a foto.”

A ordem da forma ativa se manteve em Libras, SVO, em 3 e 4. Observamos que, apesar de traduzirem de forma semelhante, os dois colaboradores não fazem composição Verbo-Objeto. Enquanto, no exemplo 3, “A” sinaliza um beijo no rosto, “C”, no exemplo 4, sinaliza duas pessoas se beijando. Deduzimos que o interlocutor, nesses dois casos, deve abstrair os sentidos literais de “beijar no rosto” e “duas pessoas se beijando” e interpretar apenas “beijar”. Se assim for, temos aí mais um excelente tema de pesquisa em Libras.

Vejamos a última colaboradora, “L”, sinalizando *O homem beijou a foto*:

5)



HOMEM



BEIJAR-ROSTO



FOTO-RETRATO



FOTO-MÁQUINA



BEIJAR

“O homem beijou (no rosto) a foto, a foto beijou (no rosto).”

“L” inicia o enunciado sinalizando o sujeito, o verbo e o objeto. Na sequência, ela apresenta novamente o objeto direto e o verbo. Para Quadros & Karnopp (2004), a duplicação de partes do discurso como essa seriam construções com foco em Libras e tem como finalidade duplicar o elemento merecedor de destaque na posição final.

Em seguida, pedimos aos colaboradores para nos dar, em Libras, o segundo enunciado do roteiro:

b) A foto, o homem beijou.

6)



FOTO-RETRATO



VER (SORRINDO)-FOTO-RETRATO



HOMEM



BEIJAR-DUAS-MÃOS



FOTO-RETRATO

“A foto, o homem olhando para ela, o homem beijou”.

“M” topicaliza o paciente “foto” com a mudança de ordem. De acordo com Quadros & Karnopp (2004), a mudança de ordem e a elevação das sobrancelhas (marcação não-manual) são mecanismos utilizados nos processos de topicalização. Apesar da imagem ser pequena, percebemos que nosso colaborador não eleva as sobrancelhas (aspecto também não observado em 4 dos 5 colaboradores surdos) Na sequência, “M” traz todas as demais informações. É como se ele dissesse: *A foto, o homem olhando para a foto, o homem (o homem) beijou a foto*. Apesar de trazer o paciente para a posição típica de sujeito em Libras (início do enunciado, antes do verbo e do objeto), não cremos que o colaborador tenha transformado o paciente em sujeito. Nesse único enunciado, há uma referência a homem três vezes, ao fazer: i) o sinal do homem olhando a foto; ii) no próprio sinal para o item ‘homem’; e iii) ao combinar em composição o sujeito homem com verbo beijar. Essa sobremarcação de “homem” pode estar indicando que ele continua sendo o sujeito da sentença e que o paciente deslocado para o início do enunciado não deve ser interpretado como sujeito. Para confirmar essa proposta de análise, precisaremos de mais dados com sujeito e objeto de 3ª pessoa humano.

Vejamos o colaborador “R” sinalizando o mesmo enunciado *A foto, o homem beijou*:

7)



FOTO-MÁQUINA



RETRATO



HOMEM



BEIJAR

“A foto, o retrato, o homem beijou”.

Mais uma vez, percebemos que se topicaliza o paciente e, a partir daquele tópico, se inserem informações no discurso. Um dado que nos chamou a atenção é a necessidade de evidenciar referência à foto da sentença. “R” faz o sinal de foto e, na sequência, faz um sinal para retrato, como se dissesse “uma foto, aquela foto, o homem beijou”. A foto é capaz de denotar, mas é o retrato sinalizado no segundo quadro que designa não ser uma foto qualquer e sim, *aquela foto, foi a foto beijada*. Essa construção de referência, tão recorrente em línguas de sinais, por utilizar referências anafóricas, através de pontos estabelecidos no espaço, exclui ambiguidades possíveis na Língua Portuguesa (cf. QUADROS & KARNOPP 2004). Seria essa

mais uma estratégia de topicalização do paciente: o deslocamento do paciente para a primeira posição do enunciado e sua repetição anafórica no espaço.

Agora, observemos o colaborador “A” sinalizando *A foto, o homem beijou*:

8)



FOTO-MAQUINA



BEIJAR-ROSTO



HOMEM

“A foto, beijou o homem.”¹⁴

Encontramos aí um enunciado com paciente topicalizado outra vez. O “beijado” passa a ser a informação mais relevante, estratégia também observada com outros dois colaboradores, “M” e “R”. O verbo, porém, não está fazendo composição com o objeto. O paciente, em Libras, não passa a ser sujeito.

Vejamos os outros dois colaboradores traduzindo *A foto, o homem beijou*:

9)



FOTO-MÁQUINA



HOMEM



BEIJAR - 2 MÃOS

“A foto, o homem beijou.”

¹⁴ Não conseguimos melhorar a imagem porque a filmagem não foi realizada com uma câmera de qualidade e não temos habilidade suficiente, mas vamos tentar corrigir essa falha pedindo a um especialista em edição de imagens.

10)



FOTO-RETRATO



HOMEM



BEIJAR-ROSTO

“C” e “L” optam por também trocar a ordem, colocando o paciente na posição de tópico. O que difere as escolhas lexicais entre o primeiro e o segundo colaborador, “C” e “L”, respectivamente, é somente o sinal utilizado para marcar o verbo. Ambos produziram enunciados gramaticais, em 9), “C” sinaliza o verbo “beijar” como se duas pessoas estivessem se beijando, enquanto em 10) “L” sinaliza como se o homem beijasse “no rosto”. Nesse contexto, o verbo costuma se combinar em composição com o objeto; porém, assim como os ouvintes falam de formas diferentes, os surdos também sinalizam de formas diferentes, e os dois colaboradores escolheram itens lexicais distintos para o mesmo verbo. O idioleto não torna os enunciados agramaticais.

Percebemos que todos os colaboradores colocaram o paciente em posição inicial de enunciado, o que nos parece uma forma de topicalização, mesmo sem a elevação das sobrancelhas. Mas não usaram uma forma passiva para essa topicalização. Ao menos, não nos ficou evidente que haja uma mudança nas funções sintáticas dos argumentos, em que o paciente teria assumido a função de sujeito. Também não parece haver qualquer indício de que o verbo em Libras tenha assumido uma forma morfológica específica, como é o caso do particípio passado da passiva do Português.

Na sequência, analisaremos como os nossos cinco colaboradores leram e traduziram o enunciado que lhes foi dado na forma passiva:

c - A foto foi beijada pelo homem.

11)



FOTO-RETRATO



NÃO SEI



DÍFICIL



BEIJAR-RETRATO



NÃO SEI

“A foto, eu não sei, difícil. Beijou o retrato?”

O colaborador “M” não compreendeu a sentença que ele leu em português, embora tenha tentado sinalizá-la em Libras. E, como resultado, tivemos em Libras: “A foto, eu não sei, difícil. Beijou o retrato?”

Observemos o mesmo enunciado na voz, ou melhor, nas mãos do colaborador “R”:

12)



FOTO-MÁQUINA



RETRATO



HOMEM



BEIJAR-RETRATO

“A foto do retrato, o homem beijou.”

Depois do sinal utilizado para topicalizar *A foto do retrato*, quem aparece na sequência é o agente, que parece continuar funcionando aí como sujeito sintático. Optamos por traduzir como mudança de ordem e não como passiva. Isso nos parece mais um tipo de topicalização e não uma passiva propriamente dita. Essa sinalização é idêntica ao que coletamos no exemplo 7 acima.

Vejamos o que nos disse o colaborador “A” para *A foto foi beijada pelo homem*:

13)

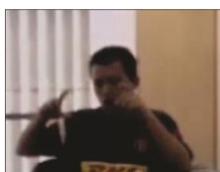


FOTO-MAQUINA



IR



BEIJAR-ROSTO



HOMEM

“A foto foi beijou o homem”.

“A” fez um sinal separado para quase todas as palavras apresentadas no enunciado, uma espécie de tradução literal do Português. Não conseguimos uma legenda em língua portuguesa por surgir aqui uma sentença agramatical em Libras. Interessante mencionar que, após a sinalização, o surdo explicou que a sentença não é Libras. E, ao questionarmos como seria expressa essa informação em Libras, ele respondeu não saber. “A” poderia não ter sinalizado, porém preferiu traduzir um sinal para cada palavra em português e, ao final, dizer que, em Libras, essa estrutura não é utilizada.

Refletimos aqui, como descrito na metodologia, sobre a dificuldade de coleta de dados a partir de textos escritos em português. Pensamos em recorrer a ilustrações e dramatizações das sentenças, mas não tivemos tempo hábil para preparar esse material. Mas um ponto muito importante se destaca a partir de agora: a dificuldade de surdos com as estruturas passivas do Português. Ao menos essa constatação ficou evidente para nós, o que já é por si uma significativa contribuição de nossa pesquisa para futuras questões de ensino e aprendizagem da passiva do Português por surdos. Agora, observemos como o colaborador “C” produziu, em Libras, *A foto foi beijada pelo homem*:

14)



FOTO-MÁQUINA



BEIJAR - 2 MÃOS



HOMEM

“A foto beijou o homem”

Essa foi a tradução correspondente; porém, o colaborador deixou bem claro, após a sinalização, que o enunciado estava *errado*, perguntando-nos: “Como uma foto beijaria um homem? A frase está certa? Acho que as palavras HOMEM e FOTO estão trocadas”. Novamente, o colaborador não compreendeu a forma passiva do Português. Essa constatação nos coloca diante de uma situação bem importante: é preciso haver uma política real de ensino de Português escrito para surdos ou eles não terão realmente pleno acesso aos bens democráticos que giram em torno da leitura de textos em Português.

Se pensarmos na escala de agentividade/topicalidade (cf. PAYNE, 1997), talvez entenderemos melhor o que se passa com os colaboradores neste momento:

Figura 7 – Escola de agentividade/topicalidade (PAYNE, 1997)

+ agente	-agente
+ tópico	-tópico
----->	
<u>1 > 2 > 3</u> > 1 > 2 > 3 > nomes próprios > humanos > não-humanos animados > inanimados	
(concord. > pronomes)	(definidos >
indefinidos)	>

Os questionamentos dos colaboradores surgem, possivelmente, por termos uma sentença iniciada por algo “inanimado”, antecedendo o verbo, na posição que é tipicamente ocupada por um sujeito-tópico-agente, o qual normalmente deveria ser [+HUMANO+ANIMADO+VOLITIVO+CONTROLADOR].

Se tivéssemos, em português escrito, “João foi beijado por Maria”, provavelmente o resultado, em Libras, seria “João beijou a Maria”, trocando os participantes da ação, o que seria um erro de compreensão. João deixaria de ser paciente para tornar-se agente, surgindo então um novo enunciado, diferente do enunciado proposto inicialmente.

Logo, a construção passiva seria transformada numa ativa que, ainda assim, não corresponderia à sentença proposta. Concluímos que o enunciado em Libras do colaborador “C”, assim como o colaborador “A”, é agramatical.

A colaboradora “L” leu o enunciado *A foto foi beijada pelo homem* e traduziu para Libras, depois de muito pensar:

15)



FOTO



F-O-I



BEIJAR-ROSTO



PARA



HOMEM

“A foto F-O-I beijar o rosto para o homem”

Solicitamos que ela explicasse o que havia sinalizado, e a colaboradora afirmou que não tinha entendido a sentença ao ler no português escrito e, em consonância com o relato do colaborador “C”, também afirmou que uma foto não pode beijar um homem. A sentença produzida em Libras é agramatical. Mais uma vez, temos um decalque. Isso também nos leva a pensar que esses surdos da pesquisa não compreendem as construções passivas do Português, mesmo sendo escolarizados. Isso pode estar revelando uma falha grave na formação de surdos pelas escolas brasileiras, que não ensinam realmente a leitura para eles. Poderíamos dizer que eles foram alfabetizados, mas não letrados em Português. Dos quatro homens, três são formados em Letras Libras; o quarto é formado em Design; um dos quatro ainda é mestre e doutorando em Linguística, e outro tem especialização. A surda é formada em Gestão de Recursos Humanos.

Após a análise da sentença “**A foto foi beijada pelo homem**”, concluímos que os surdos produziram sentenças agramaticais por não compreender a relação dos participantes com o verbo. Exceto o colaborador “R” (exemplo 12), que recorrendo à mudança de ordem, topicalizou a sentença, fazendo da foto o ponto de partida da enunciação (GIVÓN, 2001). E, nesse mesmo contexto, pensamos num último enunciado também na forma passiva, semelhante ao anterior, em que propositalmente retiramos o agente:

d) A foto foi beijada.

Como resultado, o colaborador “M” sinalizou:

16)



FOTO-MÁQUINA



VER



CADA-PESSOA-RETRATO



BEIJAR-RETRATO



CADA-PESSOA



BEIJAR-DUAS-MÃOS



IMAGEM



BEIJAR-RETRATO

“A foto, ao observarmos cada uma das pessoas, alguém beijou uma por uma, com um beijo, isso beijou naquela imagem.”

O colaborador topicalizou o paciente *foto* e, embora não tenhamos falado o que, quem ou quantas pessoas estavam na foto, ele sinalizou que alguém beijou todas as pessoas do retrato. O colaborador “M”, por possivelmente não compreender a sentença em português, reformula o enunciado, evidenciando inclusive o agente *alguém*, que aparentemente continua como sujeito sintático. Percebemos que “M” recorre às referências anafóricas e utiliza o verbo beijar três vezes. Nessas três vezes, o agente está ali, composto na configuração de mão utilizada para a execução do sinal *beijar*. Apesar de termos um enunciado em Libras, que diverge da proposta inicial em português, a sentença é gramatical e facilmente compreensível. Vejamos o que nos disse o colaborador “R”:

17)



FOTO-MÁQUINA



HOMEM



JÁ



BEIJAR-FOTO

beijou.”

A topicalização do paciente inicia o enunciado; na sequência, surge o agente, que aparentemente permanece como sujeito sintático, e o sinal *JÁ*, que é uma marca sintática para indicar o tempo passado (FELIPE 2009). E, por fim, aparece o verbo *beijar* composto com o objeto. Percebemos que, em consonância com o colaborador “M”, o enunciado apresenta o paciente em posição de tópico, através da mudança de ordem, mas não utiliza uma forma passiva

para isso. Qual seria o papel do “JÁ”? Só marcar tempo passado? Por que ele não apareceu antes? Para essas perguntas, ainda não temos respostas.

Os próximos três colaboradores leram o mesmo enunciado *A foto foi beijada*, porém, construíram sentenças agramaticais em Libras:

18)



FOTO-MAQUINA



IR



BEIJAR-ROSTO

“A foto ir beijou no rosto.”

Em *A foto foi beijada*, o colaborador “A” fez, como no enunciado anterior *A foto foi beijada pelo homem*, mas sem o sinal para *homem*. A isso preferimos chamar de tradução literal em que cada sinal em Libras corresponde a uma palavra em Português, mas não faz sentido em Libras.

Os colaboradores “L” e “C”, respectivamente, também traduziram *A foto foi beijada* em sentenças agramaticais:

19)



FOTO-RETRATO



BEIJAR-ROSTO

“A foto beijo no rosto.”

20)



FOTO-MÁQUINA



BEIJAR- 2 MÃOS

“A foto beijar (duas pessoas).”

Ao analisarmos as formas passivas, traduzidas pelos surdos, percebemos que os enunciados em Libras não apresentaram estruturas que pudessem ser classificadas em passiva. Percebemos, sim, enunciados colocando, em Libras, paciente em posição de tópico. Analisemos outros enunciados para observarmos, nos dados, outras estratégias utilizadas em Libras para topicalizar.

5.1.2. Os vídeos da internet

Além da coleta de dados com os roteiros, buscamos vídeos na internet, em redes sociais por exemplo, para analisarmos falantes de Libras em discurso natural. Apesar de termos visto vários vídeos, não encontramos o que poderia ser chamado de passiva. Também não nos ficaram evidentes muitos exemplos de topicalização. A seguir, mostramos trecho de um vídeo em que podemos verificar, possivelmente, topicalização. O vídeo é de livre acesso e circulação. O vídeo é um convite da surda para celebrar o aniversário do esposo:



BOM



DIA



GRUPO



É



SURPRESA



MEU



MARIDO



MEU



AMOR



VAMOS



NÓS



PARTICIPAR



SÁBADO



HORA



OITO

“Bom dia, grupo. Sobre uma festa surpresa do meu marido, meu amor. Quero convidar todos vocês para comemorarmos no próximo sábado, às 8h.”

Selecionamos parte do vídeo em que ela inicia desejando bom-dia e introduz o assunto “*a festa surpresa do marido*”. Nesse momento ela dá uma pequena pausa e prossegue sinalizando “Quero convidar todos...”. Percebemos, nessa pequena pausa, a topicalização da sentença, fazendo, da festa surpresa do marido, o ponto de partida da enunciação (GIVÓN, 2001), dado semelhante que surgiu nas análises dos roteiros. Lembramos que, para Quadros & Karnopp (2004), a mudança de ordem associada à elevação das sobrancelhas são premissas básicas para topicalização em Libras. Embora tenhamos percebido a mudança de ordem, essa elevação da sobrancelha não foi observada.

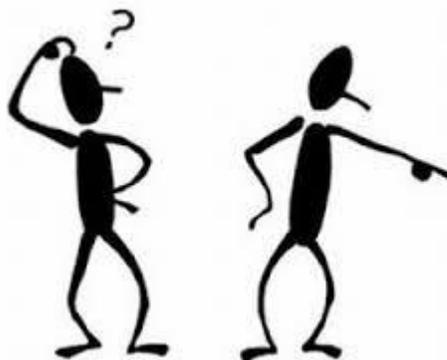
Durante a nossa pesquisa, registramos horas de gravação de conversas entre surdos e não conseguimos extrair dos vídeos estruturas que pudessem ser classificadas como passiva. Percebemos, sim, a presença frequente da topicalização, mas sem passiva.

Como dissemos no capítulo de análise, os colaboradores não compreenderam a forma passiva do Português. Isso revela a necessidade de melhorar o ensino de Português escrito para surdos.

Refletimos, por fim, como descrito na metodologia, sobre a dificuldade de coleta de dados a partir de textos escritos em português. Pensamos em recorrer a ilustrações e dramatizações das sentenças, mas não foi possível fazê-lo por causa do tempo. Baker e Padden (1978 *apud* LEITE 2008, p.94) destacam “a necessidade de adotar, no estudo das línguas de sinais, metodologias que minimizem a influência da estrutura da língua oral sobre os dados sinalizados”. Deixam como sugestão, em sua pesquisa, a necessidade de se observar conversas entre surdos com o objetivo de buscar o que eles chamam de “pistas” para perceber a presença ou não de determinados fenômenos linguísticos observados em algumas línguas orais.

Há ainda muito a ser pesquisado sobre a topicalização de paciente em Libras. Pretendemos aqui dar os passos nessa direção.

CAPÍTULO 6 - CONCLUSÃO



(Fonte: <http://bonecofrigido.blogspot.com.br/>)

Como aluno da pós-graduação eu tinha de escolher um tema para pesquisa. A única certeza, com o ingresso na pós-graduação, era de que meu tema de pesquisa seria algo na minha língua, Língua Brasileira de Sinais – Libras. Uma oportunidade de investigar, observar, analisar e descrever uma língua ainda coberta de lacunas. “E Libras é uma língua?” Vi essa pergunta dezenas de vezes e, quando digo *ver*, no sentido de *ver* mesmo, quantas vezes precisei explicar que eu *via* as palavras nos lábios das pessoas? E quantas vezes tive de responder, é eu não escuto mesmo, sou surdo e, respondendo a pergunta, sim Libras é uma língua’. “Mas não é a linguagem dos sinais?” ou “Acho lindo quem sabe Libras, igual braile, são trabalhos muito parecidos”. Não, não são! Braile é um código e Libras é uma língua, com toda sua dinamicidade e especificidade, como qualquer outra língua oral, talvez, por isso, o desprestígio, por não ser uma língua oral. Mas desprestígio? Por que a Libras não tem o *status* de uma língua oral? Não tem ou não tinha? Até pouco tempo sequer era considerada uma língua, mas com o empoderamento do sujeito Surdo, essa realidade mudou. Estamos engatinhando sabendo que a caminhada é longa, porém, o primeiro passo já foi dado.

Diversos fenômenos linguísticos na Libras, aspectos antes nunca analisados, ou se analisados, sempre de forma tangencial. Em uma aula discutíamos as diferenças entre dizer *Eu quebrei a janela; A janela quebrou; e A janela foi quebrada*. Se a intenção do falante era de possivelmente eximir-se de culpa por ter quebrado a janela, como seria em Libras. Ora, uma língua de sinais, por utilizar uma modalidade visuoespacial, em que as mãos desenhavam no

espaço, utilizaria qual estratégia para buscar essa isenção de culpa, do exemplo citado na aula? A pesquisa surgia ali, naquela aula. O tema me interessou e iniciamos um longo processo de análise. Observar os surdos nessa interação discursiva me apetecia cada vez mais. E quando algum colega da área perguntava sobre meu tema de pesquisa e eu respondia *Passiva em Libras*, inúmeras eram as perguntas. “Mas existe?”

O presente trabalho teve o objetivo principal de analisar o uso da passiva ou outra construção similar à passiva na Libras. Durante a nossa pesquisa, registramos horas de gravação de conversas entre surdos e, não conseguimos extrair dos vídeos estruturas que pudessem ser classificadas como passiva. Fizemos roteiros com orações em Português, na voz ativa, na passiva, com o agente expresso e sem o agente. Contamos com um grupo de colaboradores surdos que traduziam os enunciados para Libras.

Como dissemos no capítulo de análise, os colaboradores não compreenderam a forma passiva do Português. Isso revelou inclusive a necessidade de melhorar o ensino de Português escrito para surdos. Refletimos, como descrito na metodologia, sobre a dificuldade de coleta de dados a partir de textos escritos em português. Pensamos em recorrer a ilustrações e dramatizações das sentenças, mas não foi possível fazê-lo por causa do tempo. Baker e Padden (1978 *apud* LEITE 2008, p.94) destacam “a necessidade de adotar, no estudo das línguas de sinais, metodologias que minimizem a influência da estrutura da língua oral sobre os dados sinalizados”. Deixam como sugestão, em sua pesquisa, a necessidade de se observar conversas entre surdos com o objetivo de buscar o que eles chamam de “pistas” para perceber a presença ou não de determinados fenômenos linguísticos observados em algumas línguas orais. Sugestão acatada como primeiro passo em nossa pesquisa. Ainda assim sentimos a necessidade de apresentar elicitaciones, em Português, para confirmarmos ou não nossas hipóteses que revelariam uma passiva em Libras.

Durante a pesquisa percebemos a presença frequente da topicalização, mas sem passiva. Em mais uma tentativa de validar a hipótese da construção passiva em Libras, apresentamos os vídeos com as imagens dos colaboradores surdos para outra surda, que assistiu aos vídeos e disse o que havia entendido das traduções em Libras, mais uma etapa também importante do trabalho, porém em função do tempo, essa última análise, ainda em construção, revelou, em consonância

com os demais colaboradores, que a Libras não apresenta estrutura que possa ser classificada como passiva. Percebemos que nessa língua é possível colocar o paciente em posição de tópico com a mudança de ordem, mas não foi usada uma forma passiva para essa topicalização, afinal os dados não revelaram mudança nas funções sintáticas dos argumentos, em que o paciente teria assumido a função de sujeito.

A pesquisa também revelou que o verbo em Libras não assume uma forma morfológica específica como é o caso do particípio passado da construção passiva da Língua Portuguesa.

Entendemos que a Libras carece de inúmeras pesquisas porque vários conceitos, ainda pouco discutidos, necessitam ser analisados. É preciso aprofundar, estudar novas teorias, fazer outras análises e assim contribuir com a linguística da Língua Brasileira de Sinais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, A. C. de. **Brasil - Língua Brasileira de Sinais Libraslândia**. Blog. Disponível em <http://historiadesurdos.blogspot.com.br/?zx=5841dd4a0dfe3763> acesso em: 21/07/14.

ALLAN, K. **Linguistic Meaning**, vol. 1. London: Routledge & Kegan Paul, 1986.

ASSOCIACIÓN SORDOS DEL MUNICIPIO TABASCO
<http://asmtabascozac.blogspot.com.br/p/dia-nacional-del-sordo.html>, acessado em 15/11/13

BAGNO, M. **Português ou brasileiro? Um convite à pesquisa**. São Paulo: Parábola Editorial, 2001.

BECHARA, E. **Moderna Gramática Portuguesa**. Ed. Nova Fronteira e Ed. Lucerna. 37ª edição. Rio de Janeiro, 2009.

BRASIL ESCOLA. Disponível em: <http://www.brasilecola.com/portugues/linguistica.htm>. Acesso em: 07/02/2013.

BRASIL. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS e dá outras providências. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, DF, 25 abr. 2002. n. 79, ano CXXXIX, Seção 1, p. 23.

CANÇADO, M.; GODOY, L.; AMARAL, L. **Predicados primitivos, papéis temáticos e aspecto lexical**. ReVEL, v. 11, n. 20, 2013. [www.revel.inf.br].

CASTILHO, A. T. de. **Nova Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.

CHAFE, W. L. **Meaning and the structure of language**. Chicago: The University of Chicago Press, 1970 Trad. Maria Helena de Moura Neves et ali. **Significado e estrutura linguística**. São Paulo: Livros Técnicos e Científicos, 1979. 376 p.

CIRÍACO, L. S. **A alternância causativo/ergativa no PB: restrições e propriedades semânticas**. Dissertação (Mestrado em Linguística). 114 f. Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

CUNHA, A. F. da. **Funcionalismo**. In: MARTELOTTA, M. E. (Org.) **Manual de Linguística**. Ed. Contexto. São Paulo, 2011.

CUNHA, K. M. M. B. **A Estrutura Silábica na Língua Brasileira de Sinais**. 181f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2011.

DOWTY, D. ‘**On the Semantic Content of the Notion of ‘Thematic Role’**’, in Gennaro Chierchia, Barbara H. Partee, and Raymond Turner, eds., *Properties, Types, and Meaning II*, Kluwer, Dordrecht, 69–129, 1989.

DOWTY, D. ‘**Thematic proto-roles and argument selection**’, *Language* 67.3:547–619, 1991.

- FELIPE, T. A. **Libras em Contexto: Curso Básico: Livro do Estudante**. Rio de Janeiro: WalPrint Gráfica e Editora, 2009.
- FERREIRA, L. **Por uma gramática de línguas de sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2010.
- FILLMORE, C. **Some Problems for Case Grammar**. Monograph Series on Language and Linguistics 24: 35-56. Washington: Georgetown University Press. 1971.
- FILLMORE, Charles J. **The Case for Case**, en E. Bach y R.T. Harms (eds.), ob. cit.:pp. 1-88, 1968.
- FINGER, I.; QUADROS, R. M. de. **Teorias de aquisição da linguagem**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2008.
- GESSER, A. **LIBRAS? Que língua é essa? Crenças e Preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda**. São Paulo: Paráboloa Editorial, 2009.
- GIVÓN, T. **Syntax**. Vol. I e II. Amsterdam/Philadelphia: JBPC, 2001.
- GIVÓN, T. **Syntax: a functional-typological introduction**. Amsterdam: John Benjamins, 1990.
- GOMES, D. M. **Estudo morfológico e sintático da língua Mundurukú (Tupí)**. Tese (Doutorado em Linguística). 2006. 300 f. Brasília: UnB, 2006.
- GRUBER, J. **Lexical Structures in Syntax and Semantics**, North Holland, Amsterdam, 1976.
- Halliday, M.A.K. "Some notes on "deep" grammar", *Journal of Linguistics* 2, 57-67, 1966. Reprinted in part in Kress (1967)
- HULST, H. V. D **Units in the analysis of signs**. *Phonology* 10. Cambridge University Press. p. 209-241, 1993.
- JACKENDOFF, R. **Semantic Interpretation in Generative Grammar**, MIT Press, Cambridge, Massachusetts, 1972.
- JACKENDOFF, R. **Semantics and Cognition**, MIT Press, Cambridge, Massachusetts, 1983.
- JACKENDOFF, R. **Semantic Structures**, MIT Press, Cambridge, Massachusetts, 1990.
- KARNOPP, L. B. **Aquisição fonológica na Língua Brasileira de Sinais: estudo longitudinal de uma criança surda**. Faculdade de Letras. 276 f. Tese de Doutorado. PUCRS. Porto Alegre, 1999.
- KLIMA, E.; BELLUGI, U. **The signs of language**. 1.ed. Cambridge, Mass.:Harvard University Press. 1979.

LEITE, T. A. **A segmentação da língua de sinais brasileira (libras): um estudo linguístico descritivo a partir da conversação espontânea entre surdos**. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

LIDELL, S. K. THINK and BELIEVE: **Sequentiality in American Sign Language**. *Language*, v. 60, n. 2, p. 372-399, 1984.

MENDONÇA, C. S. S. S. **Classificação nominal em Libras: um estudo sobre os chamados classificadores**. Dissertação. UnB, Brasília, 2012.

MESQUITA, A. C. R. **A categoria preposicional na interlíngua do surdo aprendiz de português L2**. Dissertação. UnB, 2008.

MOURA, M. C. **O Surdo: Caminhos para uma Nova Identidade**. Rio de Janeiro: Ed. Revinter, 2000.

NASCIMENTO, L. C. R. **“Um pouco mais da História da Educação dos Surdos, segundo Ferdinand Berthier”**. In: *ETD – Educação Temática Digital*. V. 7, n. 2, Campinas, 2006, p. 255-265.

NASCIMENTO, S. P. de F. **Representações léxicas da língua de sinais brasileira: uma proposta lexicográfica**. 290f. Tese. (Doutorado em Linguística). UnB, Brasília, 2009.

NEVES, M. H. de M. **A gramática funcional**. Ed Martins Fontes. São Paulo, 1997.

OLIVEIRA, M. F. de. **A voz passiva no período arcaico do português e inícios do moderno**. In S.B COSTA.; A.V.L. MACHADO FILHO (orgs.). **Do português arcaico ao português brasileiro**. Salvador: EDUFBA. p.163-174, 2004.

PADDEN, Carol. **Interaction of morphology and syntax in ASL**. Doctoral Dissertation. University of California, San Diego, 1983

PAGY, F. E. **Reduplicação na Língua Brasileira de Sinais (Libras)**. Dissertação (Mestrado em Linguística). Instituto de Letras, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas. Universidade de Brasília, 2012.

PAYNE, D. **The Tupi-Guaraní Inverse**. In Fox, B. & P. Hopper (eds.). **Voice: Form and Function**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins. 1994.

PAYNE, T. E. **Describing morphosyntax – a guide for field linguists**. New York: Cambridge CUP, 1997.

PIMENTA, N.; QUADROS, R. M. de. **Curso de Libras 1 – Iniciante**. 3 ed. Porto Alegre: Editora Pallotti, 2008.

QUADROS, R. M. de. **As categorias vazias pronominais: uma análise alternativa com base na Língua Brasileira de Sinais e reflexos no processo de aquisição**. 1995. 137f. Dissertação (Mestrado em Letras). Instituto de Letras e Artes, Pontifícia Universidade Católica do Rio

Grande do Sul, Porto Alegre. Disponível em: www.ronice.cce.prof.ufsc.br. Acesso em 22/02/2012.

QUADRO, R. M. de; PIZZIO, A. L. **Língua Brasileira de Sinais IV**. Apostila. Florianópolis: UFSC, 2009.

QUADROS, R. M. de & KARNOPP, L. B. **Língua de Sinais Brasileira: Estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

QUADROS, R. M. de & STUMPF M. R. (Org.) **Estudos Surdos IV**. Séries Pesquisas. Ed. Arara Azul. Petrópolis, 2009.

QUADROS, R. M. de. **Língua de Sinais: instrumentos de avaliação**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

QUADROS, R. M. de. **Phrase Structure of Brazilian Sign Language**. 1999. 279f. Tese (Doutorado em Letras). Instituto de Letras e Artes, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

QUADROS.QUADROS, R. M. de. **Tradutor e Intérprete de Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/tradutorlibras.pdf>, acessado em 16/11/2013.

QUADROS, R. M. **O Tradutor e Intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa**. Brasília: MEC; SEESP, 2002.

QUADROS, R. M.; VASCONCELOS, M. L. B. (Org.) **Questões teóricas das pesquisas em línguas de sinais**. Petrópolis, RJ. Editora Arara Azul, 2008.

QUADROS, R.M. de; SCHMIEDT, M. L. P. **Ideias para ensinar português para alunos surdos**. Brasília: MEC, SEESP, 2006. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/port_surdos.pdf. Acesso em: 06/04/2013.

RAMOS, C. R. **Língua de Sinais e Literatura: Uma Proposta de Trabalho de Tradução Cultural**. Dissertação. (Mestrado em Letras) Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1995.

RODRIGUES, Rômulo da Silva Vargas. **Saussure e a definição da língua como objeto de estudos**. ReVEL. Edição especial n. 2, 2008.

ROSA, A. da S. **Entre a visibilidade da tradução da língua de sinais e a invisibilidade da tarefa do intérprete**. Dissertação (Mestrado em Educação). Campinas, Universidade Estadual de Campinas, 2005. Ed. Arara Azul, 2008.

SHIBATANI, M. & BYNON, T. **Approaches to Language Typology**. New York: Oxford University Press, 1995.

SHIBAANI, M. **Passives and related constructions: a prototype analysis**. Language, 61, 821-848, 1995.

STUMPF, M. **Aprendizagem de Escrita de Língua de Sinais pelo Sistema Sign Writing: Língua de Sinais no papel e no computador.** Tese. Porto Alegre, 2005.

STUMPF, M. R. **Escrita de Sinais I.** Apostila. Florianópolis: UFSC, 2008.

SUPALLA, T.; NEWPORT, E. **How many seats in a Chair? The derivation of nouns and verbs in American Sign Language.** In P. Siple (ed.) *Understanding Language Through Sign Language Research.* New York: Academic Press. 1978.

THE LANGUAGE ARCHIVE. Disponível em: <http://www.lat-mpi.eu/tools/elan/>, acesso em 03/10/2013.

VIOTTI, E. e MCCLEARY L. **Semântica e Pragmática.** Apostila. Florianópolis, 2009.

Whaley, L.J. **Introduction to typology: The unity and diversity of language.** Londres: Sage Publications, 1997.

WILBUR, R.B. **American Sign Language: linguistic and applied dimensions.** Boston: 20 College-Hill Press, 1987.

XAVIER, A. N. **Descrição fonético-fonológica dos sinais da língua brasileira de sinais (libras).** 2006. 175 f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

APÊNDICE A
QUESTIONÁRIO SOCIOLINGUÍSTICO

Data _____/_____/_____

1- Nome: _____

2- Nascimento: _____

3- Naturalidade: _____

4- Causa da surdez: _____

5- Data de diagnóstico da surdez: _____

6- Escolarização: _____

7- Conhecimento de LIBRAS:

aprendeu na escola

aprendeu antes de entrar
na escola

aprendeu depois de
entrar na escola

8- Proficiência em LIBRAS:

Excelente

Regular

Muito boa

Insuficiente

Boa

Nenhuma

9- Conhecimento de português escrito:

Excelente

Insuficiente

Muito bom

Nenhum

Bom

Regular

APÊNDICE B

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você está sendo convidado a participar da pesquisa ***VOZ PASSIVA EM LIBRAS? OU OUTRAS ESTRATÉGIAS DE TOPICALIZAÇÃO?*** De responsabilidade de João Paulo Vitório Miranda aluno de mestrado da Universidade de Brasília. O objetivo desta pesquisa é investigar se existe a voz passiva em Libras. Assim, gostaria de consultá-lo(a) sobre seu interesse e disponibilidade de cooperar com a pesquisa.

Você receberá todos os esclarecimentos necessários antes, durante e após a finalização da pesquisa. Os dados provenientes de sua participação na pesquisa, tais como questionários, entrevistas, fitas de gravação ou filmagem, ficarão sob a guarda do pesquisador responsável pela pesquisa.

A coleta de dados será realizada por meio de gravações de vídeo. É para estes procedimentos que você está sendo convidado a participar. Sua participação na pesquisa não implica em nenhum risco.

Espera-se com esta pesquisa analisar e descrever fenômenos linguísticos da Língua Brasileira de Sinais.

Sua participação é voluntária e livre de qualquer remuneração ou benefício. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper sua participação a qualquer momento. A recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade.

Se você tiver qualquer dúvida em relação à pesquisa, você pode me contatar através do telefone 61 829530XX ou pelo e-mail jpvmpi@gmail.com.

A equipe de pesquisa garante que os resultados do estudo serão devolvidos aos participantes, caso haja solicitação.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o(a) pesquisador(a) responsável pela pesquisa e a outra com o senhor(a).

Assinatura do (a) participante

Assinatura do (a) pesquisador (a)

Brasília, ____ de _____ de _____